



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

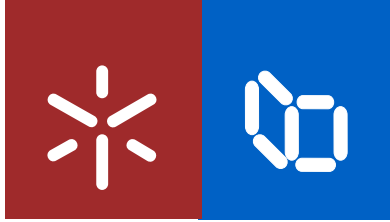
Cui Yuanyuan

**Portugueses na China: um exame
da situação atual**

Cui Yuanyuan **Portugueses na China: um exame da situação atual**

UMinho | 2017

outubro de 2017



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Cui Yuanyuan

**Portugueses na China: um exame
da situação atual**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução,
Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor João Ribeiro Mendes

Declaração

Nome: Cui Yuanyuan

Endereço eletrónico: cyysusana1224@gmail.com

Telefone: 935080738

Número do Cartão de Cidadão: G59841154

Título de Dissertação: Portugueses na China: um exame da situação atual

Orientador: Professor Doutor João Ribeiro Mendes

Designação do Mestrado:

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

**Aos meus pais,
que merecem este trabalho**

Agradecimentos

Queria agradecer a diversas pessoas que me ajudaram na realização desta dissertação ou nela participaram de alguma forma.

Em primeiro lugar, um agradecimento profundo ao meu orientador Professor Doutor João Ribeiro Mendes, pela sua responsabilidade, paciência e orientação cuidadosa em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho.

A Professora Doutora Sun Lam, Diretora do curso de mestrado em “Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial”, pela sua simpatia, apoio, incentivo e disponibilidade ao longo do mestrado.

Aos docentes do mestrado, Prof. Doutora Anabela Leal Barros, Prof. Luís Gonzaga Cabral, Prof. Doutor Manuel Rosa Gama, Prof. Pedro A. Vieira, Prof. Doutor Henrique Barroso Fernandes, Prof. Zhang Lijun, Prof. Doutora Bruna Patrícia Cardoso Peixoto, Prof. Doutora Ana Maria Silva Ribeiro, por toda a paciência, conhecimentos transmitidos e pelas aulas excelentes a que tive a oportunidade de assistir.

A todos aqueles que participaram no inquérito e em várias entrevistas realizadas para a dissertação, por terem contribuído diretamente para este trabalho. Só com a sua colaboração foi possível realizar este estudo.

A todos os meus amigos e colegas, portugueses e chineses, do mestrado, pelos momentos de entusiasmo partilhados, pela amizade e apoio a todos os níveis. Aos meus grandes amigos Chen Chao, Yang Xueling e Lin Yinan, que estiveram ao meu lado durante esta fase, pelo companheirismo, força e apoio em certos momentos difíceis.

Por último, desejo agradecer aos meus pais, que me deram amor e apoio incondicional, para eu procurar a minha própria maneira de ser e pensar e liberdade para escolher o meu caminho.

Resumo

Com o rápido desenvolvimento da globalização e a crescente cooperação entre a China e Portugal, cada vez mais portugueses rumam à China para estudar ou trabalhar. Pretende-se com este trabalho apresentar vários aspetos relevantes relacionados com a comunidade portuguesa na China, incluindo o contexto e as razões da sua migração, os seus olhares sobre o país e a sua situação atual.

Estes migrantes portugueses são pontes entre duas sociedades muito diferentes. A aplicação de inquéritos e a respetiva análise de dados permitirá, assim, obter um retrato da sua vida quotidiana, a fim de melhorar o conhecimento do “outro” e de nós próprios.

Um outro objetivo deste trabalho é o de contribuir para o melhorar da integração social da comunidade portuguesa na China, aprofundando de forma concomitante o conhecimento mútuo entre os dois países. Neste sentido, à descrição objetiva soma-se uma visão pessoal da autora em relação ao assunto tratado.

Abstract

With the rapid development of Globalization and the increased cooperation between China and Portugal, more and more Portuguese have chosen China to study or work. The aim of this dissertation is to explore several relevant aspects related to the Portuguese community in China, including the context and reasons for their migration, their views about the country and their current situation.

These Portuguese migrants help bridging two very different societies. The conduct of inquiries and consequent data analysis will allow to understand their life circumstances, in order to improve the understanding of the "others" and "ourselves".

Another aim of this work is to work as a contribution to improve the social integration of the Portuguese community in China and, at the same time, to deepen the mutual understanding between the two countries. Therefore, besides the objective description, we also present the author's personal vision on this subject.

摘要

近年来，随着全球化的快速发展以及中葡间经贸往来的不断增多，越来越多的葡萄牙人选择去中国学习、工作和生活。本论文旨在从不同方面介绍在中国生活的葡萄牙人这一特殊群体，包括移民背景、移民原因、对中国的具体看法以及目前生活的现状。

本文中使用的数据和信息都来源于对目前正在中国生活的葡萄牙移民进行的问卷采访和调查，他们的生活现状以及对目前生活的看法不仅影响着葡萄牙社会对中国的认识和态度，也为中国社会提供了一个深入了解自我的视角。

除了具体的客观论述，本文还尝试在不同文化背景下为葡萄牙移民群体在中国社会的深层次融入提出一些可行性建议，以期为中葡关系的深层次研究做一些微小的贡献。

Índice

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I – A Migração Internacional Contemporânea	6
1.1 Breve reconstrução histórica.....	7
1.1.1 O contexto geral.....	7
1.1.2 Enquadramento histórico	10
1.2 Aspetos fundamentais	11
1.2.1 Definições e tipos.....	11
1.2.1.1 Migrantes por motivos laborais	12
1.2.1.2 Migrantes para reunião familiar	12
1.2.1.3 Migrantes por motivos educativos	13
1.2.1.4 Migrantes por motivos de investimento.....	13
1.2.1.5 Migrantes por motivos de ócio	13
1.2.1.6 Migrantes por motivos de asilo.....	14
1.2.2 Principais características	15
1.2.3 As motivações da migração internacional	19
1.3 Estado atual.....	21
1.4 Perspetivas futuras	22
Capítulo II – A China percecionada pelos portugueses	24
2.1 Os últimos 30 anos da China	25
2.2 Olhares portugueses na China sobre a China.....	30
2.3 Balanço	37
Capítulo III – Motivações dos portugueses para emigrarem para a China	38
3.1 Evolução das relações luso-chinesas	39
3.2 Comunidades portuguesas na China	41
3.2.1 Portugueses que estudam na China.....	42
3.2.2 Portugueses que se dedicam a uma atividade profissional	48
3.2.3 Ambos.....	53
3.3 Razões para viverem na China.....	54

Capítulo IV – Os Portugueses que vivem atualmente na China	57
4.1 Situação geral.....	58
4.1.1 Composição etária.....	59
4.1.2 Estado civil.....	59
4.1.3 Descendência	59
4.1.4 Distribuição geográfica	60
4.1.5 Tempo de permanência	62
4.2 Principais dificuldades encontradas na sua estadia na China	63
4.3 Como facilitar a integração	65
4.3.1 Política de integração do governo chinês.....	66
4.3.2 Papel dos imigrantes portugueses na sua própria adaptação	69
4.3.3 Sugestões dos migrantes portugueses que vivem na China	71
Conclusão	73
Referências bibliográficas	77
Weblinks	83
Anexos	85

Índice de Gráficos, Quadros e Imagens

Gráfico 1 - Evolução do PIB da China (1978 – 2016).....	26
Gráfico 2 - Ideias que os portugueses mais espontaneamente formam sobre a China	32
Gráfico 3 - Avaliação das infraestruturas e os serviços de que a China dispõe	33
Gráfico 4 - Como descreveria os chineses?	35
Gráfico 5 - A situação atual dos portugueses na China.....	42
Gráfico 6 – O que estuda na China?	43
Gráfico 7 - Porque escolheu a China para estudar?	44
Gráfico 8 - Áreas profissionais dos portugueses na China (I)	49
Gráfico 9 - Que motivo(s) principal(ais) o/a levou/aram a escolher viver na China?	55
Gráfico 10 - Há quanto tempo reside na China?	63
Gráfico 11 - Que expectativas tem em relação ao futuro mais próximo?.....	63
Gráfico 12 - Principais dificuldades encontradas na China	64
Quadro 1 - Número e mudança anual dos migrantes internacionais por grupo de desenvolvimento e região, 1990-2015	16
Quadro 2 - Áreas profissionais dos portugueses na China (II).....	50
Quadro 3 - Distribuição geográfica da comunidade portuguesa na China (I)	61
Imagem 1 - Distribuição geográfica da comunidade portuguesa na China (II).....	62

INTRODUÇÃO

Enquanto parte consubstancial do processo de Globalização, as migrações internacionais desempenham um importante papel de mudança social no mundo contemporâneo. Hoje em dia existem poucos países que não sejam de emigração ou de imigração, ou ambas as coisas. O fenómeno das migrações internacionais relacionadas com as transformações económicas, políticas, sociais e relações internacionais, tornou-se uma questão global do século XXI.

A partir de 1978, o governo chinês iniciou uma política de abertura ao exterior, que resultou num período de rápido desenvolvimento económico. Atualmente, a economia chinesa é a segunda maior do mundo, superada somente pela dos Estados Unidos. Neste contexto, a comunicação e cooperação entre a China e outros países tem registado um crescimento contínuo, o que promove um número cada vez maior de estrangeiros na China para trabalharem, estudarem ou estabelecerem relações comerciais. Entre os imigrantes estrangeiros, inclui-se também os portugueses.

A história das relações luso-chinesas é longa, estima-se que se tenha iniciado há cerca de 500 anos. Os portugueses foram os primeiros europeus a chegar à China após a descoberta da rota marítima para o oriente. Daí em diante, iniciou-se um estreito relacionamento entre os dois países, sobretudo através de Macau. Nos últimos anos, com a intensificação da cooperação entre a China e Portugal, as relações luso-chinesas tornaram-se mais fortes e abrangentes. De acordo com as estatísticas dos portugueses inscritos na secção consular de Xangai e Pequim, no final de 2016 existiam 1110 portugueses a residirem na China continental (excluindo Macau e Hong Kong), número que cresceu sete vezes na última década.

Sendo uma estudante chinesa a frequentar um mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês*, as relações luso-chinesas integram o meu campo de interesses. Por isso, decidi realizar um trabalho de investigação sobre os portugueses

que se encontram a viver na China. Esta análise partiu de algumas perguntas prévias, surgidas no período de pesquisa:

1. Quais são as principais motivações que levam os portugueses a emigrarem para a China?
2. Como decorrem as suas vidas no país?
3. Como avaliam a sua estadia na China?
4. Como e em que medida se adaptaram à vida naquele país?
5. Que dificuldades encontraram?

Todas estas questões motivaram a recolha de informações e dados sobre este tema. Para além disso, ao longo da pesquisa, constatou-se que há alguns estudos sobre as relações luso-chinesas ou a situação dos chineses em Portugal, mas poucos se debruçam sobre a situação dos portugueses na China, o que dificulta a compreensão acerca das suas circunstâncias. Para colmatar a escassez de informação, apliquei um inquérito a portugueses que se encontram atualmente na China, entrevistando posteriormente alguns deles.

As perguntas do inquérito foram organizadas em três categorias: algumas pretendiam apreender os sentimentos subjetivos destes portugueses em relação à China, outras apurar as razões da sua ida para aquele país, e outras ainda sondar a sua situação atual.

O número dos participantes no inquérito foi de 38 indivíduos, representativos de vários grupos profissionais da sociedade. A amostra é maioritariamente feminina: 44,74% são homens e 55,26% mulheres. Pequim e Xangai são as duas cidades chinesas com mais portugueses, 63,16% dos inquiridos vive lá. Além disso, todos os restantes inquiridos residem nas regiões mais desenvolvidas da China.

Através da análise dos dados recolhidos, podemos dividir os migrantes portugueses em três categorias: estudantes, trabalhadores e ambos. Entre os estudantes, a maioria frequenta um curso de língua chinesa, apesar de existirem estudantes de biologia, administração pública, medicina chinesa ou gestão de empresas. Entre os trabalhadores, quase metade trabalha como funcionário numa empresa ou como professor, três são treinadores de futebol, registando-se ainda outras atividades profissionais como jornalista, tradutor, funcionário diplomático, dentista e consultor.

Em relação às razões da sua ida, as oportunidades de emprego e de estudo são as mais importantes, ainda que não as únicas. Os respondentes mencionaram também as condições de vida mais acessíveis, as oportunidades de negócio, o desejo de conhecerem a cultura chinesa, a reunião familiar e o bom estado de economia como fatores que contribuíram para a sua migração.

Por outro lado, enquanto estrangeiros que vivem num país que não é o seu de origem, encontram, como seria de esperar, muitas dificuldades no seu processo de integração. De acordo com os resultados do inquérito, a barreira linguística e a solidão são as duas maiores dificuldades que enfrentam ao longo da sua permanência na China. Muitos inquiridos declaram que nada sabiam do chinês e que a maioria dos chineses com quem interagiram é incapaz de falar línguas estrangeiras. Em resultado disso, inicialmente não conseguiam comunicar com chineses no seu dia-a-dia. Sendo China e Portugal dois países totalmente diferentes, estas diferenças refletem-se em muitos aspetos culturais, no estilo de vida, nas condições climáticas, nos hábitos alimentares, para mencionar apenas alguns. Tudo isto constitui um entrave no seu processo de socialização e aculturação.

No final do presente trabalho, deixa-se algumas opiniões e perspetivas pessoais que, espera-se, possam contribuir para uma maior integração da comunidade

portuguesa na China. Serão apresentados também alguns conselhos dos imigrantes portugueses entrevistados, com base na sua experiência, que poderão ser igualmente úteis para aqueles que querem compreender a sociedade chinesa.

CAPÍTULO I

A migração internacional contemporânea

A crescente Globalização promove, inevitavelmente, o aumento da mobilidade populacional. Quase não existem países no mundo que, de uma forma ou de outra, não contribuam para o processo de migração internacional. As migrações resultam da integração das comunidades locais e das economias nacionais em relações globais; e são, simultaneamente, fatores de novas transformações sociais, tanto nos países emissores como nos recetores (Castles, 2005, p.15). Com efeito, este fenómeno desempenha um importante papel na mudança social que se tem verificado no mundo contemporâneo. Neste capítulo pretende-se apresentar os aspetos fundamentais e contextualizar as migrações internacionais, assim como o papel destas no contexto da globalização. Discutir-se-á ainda, de forma breve, as tendências prováveis nos próximos tempos.

1.1 Breve reconstrução histórica

1.1.1 Contexto geral

De acordo com o *International Migration Report 2015* (Relatório das Migrações 2015), disponibilizado pelo Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas (2016, pp.1-5) e o *Global Migration Trends 2015* (Tendências da Migração Global 2015) da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2016, pp.5-8), calcula-se que no final de 2015 existiam cerca de 244 milhões de migrantes internacionais espalhados pelo mundo (definidos como pessoas que viveram fora do seu país de nascimento durante, pelo menos, 12 meses). Segundo esses mesmos relatórios, o número de migrantes internacionais cresceu 71 milhões (41%) entre 2000

e 2015. O crescimento do número de migrantes internacionais é superior ao crescimento da população mundial.

As estatísticas revelam ainda que, em 2015, 3,3% da população mundial era migrante internacional, percentagem que era mais elevada na Europa, América do Norte e Oceânia, onde o número de migrantes internacionais correspondia a pelo menos 10% da sua população total. Dos 244 milhões de migrantes internacionais acima mencionados, cerca de 20 milhões eram refugiados. O principal destino escolhido foi os Estados Unidos, com cerca de 47 milhões, seguido da Alemanha e da Rússia, com 12 milhões. A Índia foi o país que produziu o maior número de emigrantes (quase 16 milhões), seguido pelo México e pela Rússia.

Para Held et al. (1999), «as migrações internacionais são parte integrante da globalização, que pode ser caracterizada, por sua vez, como o alargamento, o aprofundamento e a aceleração das interconexões à escala mundial de todos os aspetos da vida social contemporânea» (p. 2). Estas migrações estão a produzir mudanças, tanto no país de origem, como no de acolhimento. A maioria dos países sentiu benefícios resultantes das migrações internacionais, apesar de se registarem também algumas desvantagens.

Por um lado, as migrações podem contribuir para melhorar as condições sociais e económicas do país de acolhimento. Os imigrantes são um dos mais importantes fatores de promoção do crescimento da população, o que é especialmente vantajoso para os países com sérios problemas de envelhecimento. A transferência de capital económico e técnico, de pessoal qualificado e de outros recursos pode ser bastante útil para os países de destino. Para além disso, as transferências de capital representam uma enorme contribuição para as contas nacionais de muitos países de emigração e poderiam ajudar a financiar investimentos de apoio ao desenvolvimento. As remessas

globais dos imigrantes aumentaram de 2.000 milhões de dólares em 1970 para 70.000 milhões em 1995 (Taylor 1999, p. 68).

Por outro lado, os governos enfrentam vários problemas relacionados com este fenómeno. Desde o início da década de 90 do século passado que movimentos anti-imigração surgem em vários países. Por vezes estes movimentos podem conduzir a conflitos étnicos, levando os governos a estabelecerem controlos fronteiriços mais apertados, por forma a limitar fluxos migratórios indesejados. Apesar das medidas aplicadas, os refugiados e migrantes ilegais continuam a constituir uma preocupação global. Para os países de emigração, a perda de capital humano resultante da fuga de pessoas jovens e qualificadas é também uma questão muito grave, particularmente para os países menos desenvolvidos. Os países de origem têm de assumir os custos da qualificação, mas não conseguem tirar proveito deste investimento. Este processo pode, assim, influenciar o desenvolvimento económico dos países.

Durante muito tempo, os governos não deram atenção suficiente à questão da migração, existindo poucas organizações capazes de gerir e solucionar as consequências deste processo. A partir do final da década de 80 do século XX, vários governos passaram a reconhecer a relação entre as migrações internacionais, a economia e a política. A relação entre a migração, a política e a segurança nacional e internacional é cada vez mais pertinente e alvo de atenção social. Organismos como a Organização Internacional de Trabalho (OIT) e o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) desempenham um papel importante na melhoria dos regulamentos internacionais e no desenvolvimento de abordagens multilaterais que permitam potenciar os efeitos positivos das migrações. Os países de emigração procuram muitas vezes estabelecer acordos bilaterais com os países de imigração que abrangem a regulamentação das migrações e os direitos dos seus cidadãos (Castles

2005, p. 35).

Em suma, num contexto de Globalização, as migrações, o desenvolvimento económico e as relações internacionais encontram-se intimamente ligados.

1.1.2 Enquadramento histórico

Os movimentos populacionais não são uma realidade recente, verificam-se desde o início da história da humanidade e sempre fizeram parte dela. A partir do século XV, a industrialização, a expansão do capitalismo e do colonialismo no mundo levaram a um rápido crescimento das migrações. No entanto, a estagnação económica e a instabilidade política conduziram a uma diminuição das mesmas no período compreendido entre 1918 e 1945. Após a Segunda Guerra Mundial, as migrações internacionais expandiram-se em volume e em alcance, o número de países afetados pelos processos migratórios aumentou exponencialmente (Castles 2005, p. 26). Com o colapso da bipolaridade de poder registada durante a Guerra Fria e o rápido desenvolvimento da Globalização, o cenário internacional registou grandes mudanças. Os movimentos populacionais entraram num período sem precedentes: os antigos países de emigração transformaram-se em novas áreas de imigração, e os fluxos migratórios tornaram-se mais volumosos, mais rápidos e mais complexos do que no passado (*Idem*, p.7).

Os dados das Nações Unidas (*Op. cit.*2016, p.1) revelam que, se em 1990 aproximadamente 153 milhões de pessoas viviam fora do seu país de origem, em 2015, este número superava os 244 milhões. Ou seja, o número de migrantes aumentou 91 milhões neste período, o que representa um crescimento de 60%.

Os tipos de migração também se diversificaram. Recentemente, surgiram muitos fluxos de migrações irregulares, nomeadamente os refugiados e os requerentes de asilo, o que trouxe vários problemas sociais aos países de destino. A mobilidade populacional é hoje bem diferente da verificada anteriormente pelo que importa discutir alguns pontos relevantes acerca do atual período de migração internacional.

1.2 Aspetos fundamentais

1.2.1 Definições e tipos

De acordo com a definição oficial da IOM, o termo “migração” designa «o movimento de uma pessoa ou de um grupo de pessoas que se move de uma área para outra no interior do mesmo país, ou de um país para outro». Qualquer tipo de movimento populacional de, independentemente da sua extensão, composição e motivação, encaixa neste conceito¹. No entanto, considerando as mudanças mundiais e as diferentes políticas nacionais, não é fácil encontrar uma definição exata de migração. Skeldon (1997) recorda que «muitos investigadores defendem que as migrações, sejam elas nacionais ou internacionais, fazem todas parte de um mesmo processo devendo, por isso, ser analisadas em conjunto» (pp. 9-10). Esta dissertação foca especificamente a situação atual dos migrantes portugueses na China, pelo que analisaremos apenas as migrações internacionais.

Num mundo cada vez mais global, as migrações internacionais são mais complexas e diversificadas. Com base no número de indivíduos envolvidos, pode

¹Cfr. <http://www.iom.int/key-migration-terms>, consultado em 08-03-2017.

falar-se de mobilidade individual, mobilidade em pequeno grupo e mobilidade em massa. Tendo em conta a distância, existe migrações de curta distância e longa distância. Esta mobilidade também pode ser temporária ou permanente. Na presente investigação consideramos seis categorias de migração de acordo com os seus fins.

1.2.1.1 Migrantes por motivos laborais

Este é um dos principais tipos de migração no mundo contemporâneo, os migrantes laborais desempenham um papel predominante nos fluxos de população, o que inclui trabalhadores temporários e permanentes. Estes indivíduos emigram normalmente para países mais desenvolvidos com o objetivo de maximizar rendimentos e melhorar as suas condições de vida.

1.2.1.2 Migrantes para reunião familiar

Sobre a reunião familiar como motivação para a migração, Castles sublinha que estes são os «migrantes que se vêm juntar a pessoas que já encontram num país de imigração. Muitos países, incluindo os Estados Unidos da América, o Canadá, a Austrália e a maioria dos Estados-membros da União Europeia, reconhecem o princípio do direito à reunião familiar para os imigrantes legais. Outros países, especialmente os que têm sistemas de contrato de trabalhadores migrantes, negam o direito à reunião familiar. Nestes casos, os familiares podem entrar ilegalmente» (Castles 2005, p. 20).

1.2.1.3 Migrantes por motivos educativos

Este grupo representa um tipo de migração mais recente, relacionado com os alunos que vão para um país estrangeiro estudar. Se os alunos forem aceites numa das organizações de ensino do país, podem tratar do visto de estudo e permanecer no país algum tempo. Depois do período escolar terminar, podem escolher regressar aos seus países de origem ou procurar trabalho no país de acolhimento. Existe ainda outro tipo de migrantes neste grupo, a saber, pessoas que vão para o estrangeiro com o intuito de receberem formação especializada, mas que, regra geral, regressam aos seus países de origem após esse período de tempo limitado.

1.2.1.4 Migrantes por motivos de investimento

Este tipo de migração inclui, principalmente, indivíduos que investem uma certa quantia de dinheiro no setor imobiliário ou na criação de postos de trabalho nos países de destino. Os requisitos para estes investimentos são determinados pelo governo de cada país podendo, por isso, variar muitíssimo. No entanto, uma vez que este tipo de migração é maioritariamente benéfica, os migrantes de investimento são bem-vindos na maioria dos países.

1.2.1.5 Migrantes por motivos de ócio

Nos últimos anos, este tipo de migração aumentou substancialmente. Algumas

pessoas da classe média-alta deslocam-se ao estrangeiro para procurarem um lugar mais apropriado para viverem e, ao mesmo tempo, aproveitarem a alta qualidade de ensino e bem-estar, bem como uma série de outras vantagens locais. Algumas pessoas mais velhas originárias de países de alto consumo emigram para países com um nível de consumo mais baixo a fim de aumentarem a sua qualidade de vida. Com o desenvolvimento da globalização, este fenómeno está a tornar-se cada vez mais comum.

1.2.1.6 Migrantes por motivos de asilo

Migrantes de asilo designam as pessoas que cruzam fronteiras em busca de proteção noutros países, podendo ser geralmente divididos em duas classes: os refugiados e os requerentes de asilo. Segundo a *Convenção relativa ao estatuto dos refugiados* das Nações Unidas, de 1951, «um refugiado é uma pessoa que reside fora do seu país de nacionalidade, que não pode ou não quer regressar, receando, com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação com certos grupos sociais ou das suas opiniões políticas» (pp. 2-4). Os signatários da Convenção assumem o compromisso de protegerem os refugiados, autorizando-os a entrarem no país e garantindo-lhes o estatuto de residente temporário ou permanente. Os requerentes de asilo não cumprem rigorosamente os critérios estabelecidos pela *Convenção* de 1951. Em muitas situações atuais de conflito em países menos desenvolvidos, torna-se difícil distinguir entre a fuga motivada por perseguições e a partida causada pela destruição das infraestruturas económicas e sociais necessárias à sobrevivência (Castles 2005, p. 19).

Note-se que este tipo de migração inclui também os migrantes que permanecem ilegalmente nos países de destino, seja por não terem licença ou por a sua licença ter expirado. Em alguns casos, este fenómeno pode causar uma certa ameaça nas sociedades de chegada.

1.2.2 Principais características

De acordo com os dados do já referido *International Migration Report 2015*, dos 244 milhões de migrantes internacionais, aproximadamente 58% vivia em regiões desenvolvidas, enquanto os restantes 42% vivia nas regiões em desenvolvimento. Entre os 140 milhões de migrantes que viviam no Norte, 85 milhões de pessoas (61%) eram originários de países em desenvolvimento, enquanto apenas 55 milhões de pessoas (39%) era de outros países do Norte. Entre os 103 milhões de migrantes internacionais que vivem no Sul, cerca de 90 milhões de pessoas (87%) são de regiões em desenvolvimento, enquanto 13 milhões de pessoas, ou seja, 13% da população são de países do Norte.

Naquele ano, os migrantes internacionais constituíam 11,2% da população total dos países do Norte, em contraste com 1,7% nos países do Sul. Entre 1990 e 2015, o peso dos migrantes internacionais na população total aumentou de forma significativa no Norte, enquanto se manteve sem grandes alterações no Sul. A Europa e a Ásia continuaram a ser os dois destinos de imigração mais populares, com cerca de 76 milhões de migrantes internacionais a viverem na Europa e 75 milhões na Ásia, contabilizando quase dois terços do número total de migrantes internacionais a nível mundial (UN 2015, pp. 1-2).

Quadro 1: Número e mudança anual dos migrantes internacionais por grupo de desenvolvimento e região, 1990-2015

	<i>International migrant stock (millions)</i>				<i>Average annual change in migrant stock (millions)</i>			
	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2010</i>	<i>2015</i>	<i>1990-2000</i>	<i>2000-2010</i>	<i>2010-2015</i>	<i>1990-2015</i>
World	152.6	172.7	221.7	243.7	2.0	4.9	4.4	3.6
Developed regions	82.4	103.4	132.6	140.5	2.1	2.9	1.6	2.3
Developing regions	70.2	69.3	89.2	103.2	-0.1	2.0	2.8	1.3
Africa	15.7	14.8	16.8	20.6	-0.1	0.2	0.8	0.2
Asia	48.1	49.3	65.9	75.1	0.1	1.7	1.8	1.1
Europe	49.2	56.3	72.4	76.1	0.7	1.6	0.8	1.1
LAC	7.2	6.6	8.2	9.2	-0.1	0.2	0.2	0.1
NA	27.6	40.4	51.2	54.5	1.3	1.1	0.7	1.1
Oceania	4.7	5.4	7.1	8.1	0.1	0.2	0.2	0.1

Source: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2015).

Note: LAC refers to Latin America and the Caribbean, while NA refers to Northern America.

Fonte: United Nations (2015). *International Migration Report 2015*, p. 1.

Como se pode observar no Quadro 1, os países em desenvolvimento continuam a ser os principais “exportadores” de migrantes, enquanto os países desenvolvidos e os países produtores de petróleo da Ásia são os principais recetores. Relativamente à origem e ao destino dos fluxos migratórios internacionais, a tendência dominante aponta para uma aceleração da migração do Sul para o Norte.

No período desde 1990 até aos dias de hoje, observaram-se grandes mudanças ao nível da educação dos migrantes internacionais. Cada vez mais pessoas escolhem emigrar em busca de uma melhor qualidade de ensino. O número de indivíduos que decidem estudar no estrangeiro tem apresentado um grande crescimento nos últimos anos.

De acordo com a Zhang:

(...) entre 2000 e 2010, o número total de alunos que estudaram no estrangeiro atingiu os 27.3 milhões em todo o mundo, representando um aumento de 70%. Depois de acabarem o curso, cerca de 15% a 30% dos alunos continuaram a trabalhar nos países onde estudaram. Estes

migrantes tornaram-se, assim, migrantes altamente qualificados (Zhang 2014, pp. 22-23)².

Estas estatísticas refletem claramente a mudança que se tem vindo a registar a nível da qualificação dos migrantes no mundo contemporâneo.

Os Estados Unidos da América (EUA), muitas vezes referido como uma “nação de migrantes”, tem uma população maioritariamente constituída por estrangeiros, sendo também um lugar de concentração dos fluxos de migrantes qualificados. De acordo com Wang (2005, p. 31), cerca de um terço de todo o pessoal técnico-científico dos EUA era imigrante na viragem do século XXI³. Apesar dos imigrantes altamente qualificados contribuírem para o desenvolvimento económico da sociedade americana, este tipo de migração não influencia todas as regiões da mesma forma. Após a Guerra Fria, com o colapso do bloco soviético e o estabelecimento da UE, a mobilidade populacional tornou-se cada vez mais frequente na Europa. No entanto, o problema da “fuga de cérebros” também se agravou. Muitos cientistas altamente qualificados, técnicos superiores e trabalhadores especializados europeus emigraram para países mais desenvolvidos, como a América, a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia.

Ainda de acordo com a Zhang:

(...) Em Portugal, quase 19,5% dos trabalhadores especializados emigraram para a Alemanha e para a Suíça, entre outros países. Entre 2000 e 2006, o número total de pessoal qualificado que emigrou a partir

² Citação original. Cfr. “最近十年经合组织国家的高等教育留学生数量出现前所未有的持续增长，2000—2010 年增长了 70%，2010 年达到 2730 万。留学生已成为经合组织国家高技能工作移民的潜在来源，约 15%—30% 的国际留学生滞留在留学国家。”

³ Citação original. Cfr. “据统计，截止到 2000 年，在美国全部科技人员中，约有 1/3 科技人力为移民”。

da Grã-Bretanha atingiu os 3,5 milhões, sendo que a maioria escolheu ir para a Austrália ou para os EUA (Zhang 2014, p. 24)⁴.

O fenómeno da “fuga de cérebros” restringe a mudança social e a inovação, pelo que os governos procuram medidas para o tentar evitar.

O colapso do bloco soviético levou também ao surgimento de fluxos incontrolados de migrantes ilegais e de requerentes de asilo com destino à Europa Ocidental e à América do Norte. Consequentemente, os governos decidiram estabelecer controlos fronteiriços mais apertados de modo a limitar certos tipos de mobilidade. Além disso, alguns acordos internacionais foram realizados, como o Acordo de Schengen. Este acordo europeu somado ao fortalecimento dos controlos fronteiriços nos EUA podem ter ajudado a reduzir a entrada de migrantes ilegais, mas certamente não lhes puseram termo. Por sua vez, vários países africanos, como a Nigéria e a Líbia, e asiáticos, como a Malásia, têm aplicado medidas draconianas como expulsões em massa de trabalhadores estrangeiros. Apesar destas medidas, migrantes não autorizados continuam a constituir uma preocupação por quase toda a parte (Castles 2005, p.39).

O centro do poder económico mundial mudou-se da Europa para a Ásia no final do século XX, sendo que desde então mais de 60% do investimento direto estrangeiro entrou na Ásia. A China tornou-se o centro da produção mundial. A economia da Malásia, Singapura, Tailândia e de outros países do Sudeste Asiático também se desenvolveu muito. Em alguns Estados produtores de petróleo do Golfo Pérsico, os trabalhadores migrantes perfazem agora mais de metade da população total. Assim, «entre 2000 e 2013, a Ásia foi palco do maior crescimento da população de migrantes

⁴ Citação original. Cfr. “葡萄牙是西欧“智力流失”最多的国家，19.5%的熟练劳动力流向澳大利亚、加拿大、瑞士、德国等国家；2000年以来英国“智力流失”累计达到350万，主要流向澳大利亚和美国”。

internacionais, aumentando o seu número em mais de 20 milhões de pessoas» (Zhang 2014, p. 25)⁵. Os países em desenvolvimento estão a desempenhar um papel cada vez mais importante no intercâmbio global de bens, serviços, pessoas e ideias.

As migrações são uma das principais forças de transformação social do mundo contemporâneo. Estes eventos revelam a estreita relação entre as mudanças económicas e políticas e os movimentos migratórios, que parecem ser parte fundamental da globalização.

1.2.3 As motivações da migração internacional

Existe uma vasta bibliografia teórica e empírica sobre as causas das migrações. Segundo o Professor Graeme Hugo (1998) da Universidade de Adelaide, a causa mais evidente é a disparidade inter-regional nos níveis de rendimento, de emprego e de bem-estar social. São também importantes as diferenças nos padrões demográficos respeitantes à fertilidade, à mortalidade, à estrutura etária e ao crescimento da mão-de-obra. A partir de 1990, com o processo acelerado de Globalização, os fluxos oriundos de países menos desenvolvidos para países desenvolvidos cresceram rapidamente, apesar das tentativas de os restringir por parte dos países recetores. A principal causa deste fenómeno é a desigualdade ao nível do desenvolvimento socioeconómico entre os países em causa.

Após a Segunda Guerra Mundial, a maioria dos países desenvolvidos entrou num período de pós-industrialização, alcançando um alto nível de rendimento individual e de bem-estar social. Todavia, estas nações registam uma baixa taxa de

⁵ Citação original. Cfr. “亚洲在 2000—2013 年期间国际迁移人口增长最多，3 年增加 2000 余万人”.

natalidade e um crescimento populacional diminuto ou até negativo, o que vem agravando o problema do envelhecimento da população. Consequentemente existe falta de mão-de-obra, lacuna que é preenchida pela mão-de-obra estrangeira proveniente de países menos desenvolvidos. Nos dias de hoje, a maioria dos países em desenvolvimento demonstra uma tendência para um rápido desenvolvimento económico e social, mas o elevado número de habitantes pressiona a melhoria das condições de ensino, do bem-estar e de outras áreas sociais. Quando o Estado de origem se revela incapaz de proporcionar boas condições de vida aos seus cidadãos, muitos resolvem migrar em busca do estilo de vida que desejam. O desejo destes migrantes de maximizarem os seus rendimentos, trocando economias de baixos salários por outras de altos salários, é a principal causa de migração.

No mundo global de hoje, as ligações entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento tornam-se cada vez mais estreitas. A criação de organizações internacionais e de novos grupos económicos como a União Europeia (UE), o grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), potenciou ainda mais a cooperação internacional, influenciando, indiretamente, o fenómeno migratório.

De acordo com a Teoria dos Sistemas Migratórios (Kritz et al., 1992), os movimentos migratórios resultam normalmente de ligações entre os países emissores e recetores, decorrentes de colonização, influência política, trocas comerciais, investimentos ou laços culturais. Por exemplo, a migração argelina para França é consequência da presença colonial francesa na Argélia, ao passo que a presença turca na Alemanha é o resultado do recrutamento direto de mão-de-obra efetuado pela Alemanha durante a década de 60 e no início da década de 70. Por isso, é importante examinar os dois extremos do fluxo e estudar as ligações (económicas, culturais,

políticas, militares, etc.) entre os locais em causa.

Uma catástrofe como uma guerra ou uma mudança ambiental que destrua os níveis mínimos de subsistência força os mais pobres a migrarem, normalmente em condições terríveis. Assim, as migrações constituem tanto um efeito como uma causa do desenvolvimento (Castles 2005, p.23).

Refira-se, por fim, a importância das novas tecnologias de informação e comunicação - Internet, melhores ligações telefónicas e viagens aéreas a preços baixos - na medida em que influenciaram o crescimento das migrações nos últimos 30 anos.

1.3 Estado atual

Hoje em dia, há um reconhecimento generalizado de que a mobilidade populacional transfronteiriça está inextricavelmente ligada a outros fluxos que compõem a Globalização e que as migrações são uma das principais forças de transformação social do mundo contemporâneo.

Por um lado, no contexto da Globalização, as migrações refletem uma boa tendência de desenvolvimento das relações internacionais, ao representarem o alargamento, o aprofundamento e a aceleração de interconexões à escala mundial de todos os aspetos da vida social, por exemplo, a reestruturação da produção, o alargamento dos mercados financeiros, a mobilidade populacional em massa.

As migrações legais refletem a necessidade de mão-de-obra altamente qualificada do mercado global, desempenhando assim um papel positivo no processo de globalização. Ao mesmo tempo, as migrações internacionais levaram à emergência

de novas formas de diversidade cultural, os intercâmbios culturais tornaram-se mais profundos e mais frequentes em todo o mundo. A crescente comunicação internacional também mudou, registrando-se uma tendência geral no sentido do entendimento e reconhecimento mútuos. Sob este aspeto, a migração internacional é favorável ao desenvolvimento das relações internacionais.

Por outro lado, a mobilidade populacional também suscita alguns problemas e cria desafios ao desenvolvimento social. Após a Guerra Fria, alguns países não tinham capacidade para garantirem proteção aos seus cidadãos, num contexto pós-conflito. Então, muitos indivíduos buscaram no estrangeiro possibilidades de sobrevivência, surgindo assim novos fluxos de refugiados e migrantes de asilo. O aumento do número de refugiados é uma potencial ameaça à segurança mundial e provoca uma enorme pressão à sociedade internacional. A tendência para a formação de comunidades étnicas nos países recetores é mais um desafio. De acordo com Castles, «a experiência acumulada durante os últimos cinquenta anos indica que a migração conduz quase sempre a mudanças culturais, que podem ser percebidas como uma ameaça» (2005, p.38).

1.4 Perspetivas futuras

Qualquer tentativa para prever o futuro das migrações internacionais tem de considerar as importantes transformações económicas e sociais da nossa época, bem como as formas de lidar com estas mudanças por parte das pessoas comuns (Castles2005, p.48). Por isso, é necessário analisar as perspetivas das migrações no contexto da Globalização.

Nos próximos tempos, com os novos desenvolvimentos das tecnologias de informação e dos transportes, as comunicações transnacionais tornar-se-ão mais simples e as migrações continuarão a aumentar em volume: a IOM (2010) prevê que o número de migrantes internacionais possa atingir os 405 milhões em 2050. Os tipos e as características dos migrantes serão cada vez mais diversos. Os Estados tendem a encorajar certos tipos de migrações (de administradores, pessoal altamente qualificado, de técnicos superiores) e obstruir outros (de reunião familiar, requerentes de asilo, trabalhadores não qualificados). Mas, na realidade, é difícil distinguir claramente os diferentes tipos de migração e efetivar as regras.

O intercâmbio cultural e comercial é cada vez mais comum em todo o mundo: mais pessoas escolhem emigrar para o estrangeiro não só para ganharem dinheiro, mas também para desfrutarem a vida e conhecerem culturas diferentes.

É evidente que as migrações internacionais se integram perfeitamente na lógica da Globalização. Por esta razão, as estratégias de controlo assentes na antiga lógica nacional deverão falhar. Urge pois estabelecer uma estratégia internacional mais apropriada. As migrações devem acontecer de forma organizada, de modo a salvaguardar os direitos humanos dos migrantes e evitar conflitos com as comunidades de acolhimento, devendo estar ligadas a estratégias de desenvolvimento sustentável. As migrações internacionais como um dos principais fatores de transformação e de desenvolvimento social irão continuar a ganhar relevância nos próximos tempos.

Capítulo II

A China percecionada pelos portugueses

2.1 Os últimos 30 anos da China

A China é um dos países mais antigos do mundo, provavelmente com mais de cinco mil anos de existência. Ao longo da sua história, a China foi uma das sociedades mais avançadas do mundo, sobretudo entre a dinastia Tang e a dinastia Qing, período que se prolongou entre os séculos VII e XIX. Sofreu também um longo e agitado período de guerras, fome, opressão cultural e política, agressão externa e convulsões internas. A partir de 1978, o governo iniciou uma política de abertura ao exterior, principalmente sob a direção de Deng Xiaoping, resultando em enormes mudanças na sociedade chinesa.

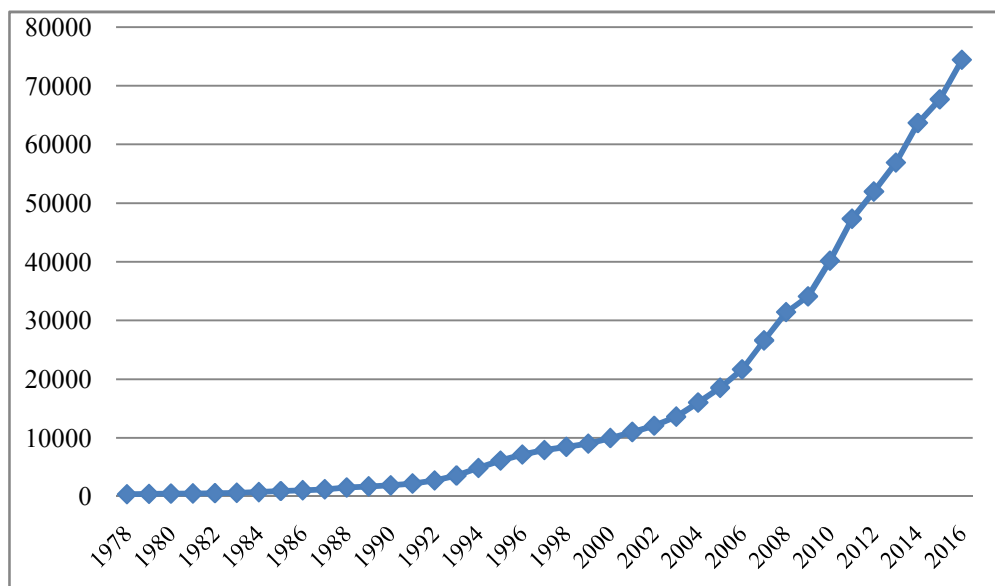
A China é uma sociedade extremamente complexa. Uma forte regulação macroeconómica estatal influenciou, em grande medida, o crescimento económico chinês. Ao longo das últimas décadas, o governo tem adotado várias estratégias políticas e administrativas no sentido de promover e sustentar a prosperidade económica (Lin 2013, p. 20).

Após a implementação da política de abertura ao exterior, a globalização começou a ser uma estratégia importante. Em 1991, o país aderiu ao grupo *Asia-Pacific Economic Cooperation* (APEC), que promove o livre comércio, investimento e cooperação tecnológica, aumentando as suas exportações e começando a abrir os seus mercados ao investimento estrangeiro (Monteiro2011, p. 90). Em 2001 juntou-se à Organização Mundial do Comércio (OMC), o que obrigou à eliminação de várias barreiras (e.g. as taxas sobre as importações agrícolas dos EUA caíram de 31% para 14%, e sobre produtos industriais de 25% para 9%). Em 2009, a China tornou-se o maior exportador do mundo, depois de ter ultrapassado a Alemanha (*idem*, p. 93).

Tudo isto promoveu o rápido crescimento económico. De facto, nas últimas

décadas, a economia chinesa tem vindo a registar uma evolução incrivelmente acelerada. De acordo com dados do NBSC⁶, entre 1979-2013, o PIB nacional cresceu a uma média anual de 9,8%, enquanto a média mundial foi de 2,8%. Em 2016, o crescimento económico continuou saudável (6,7%), o PIB atingiu 74.4 triliões de yuans⁷, contribuindo cerca de 30% para o crescimento do PIB mundial naquele ano. Em resumo, a economia chinesa tornou-se uma das mais dinâmicas do mundo.

Gráfico 1 - Evolução do PIB da China (1978- 2016)



Unidade: Biliões de Yuan

Fonte: NBSC, obtido em http://intl.ce.cn/specials/zxxx/201501/20/t20150120_4389486.shtml.

Com o desenvolvimento económico, o nível de vida da população aumentou muito. Entre 1978 e 2016, a capitação de rendimento anual da família urbana aumentou de 343 para 33.616 yuan, e a de uma família rural de 134 para 12.363 yuan. Em 2016, o rendimento *per capita* total foi 23.821 yuan, o que representou um aumento de 6,3% em relação ao ano anterior (NBSC 2016). Com o aumento salarial,

⁶ National Bureau of Statistics of China (Instituto Nacional de Estatística da China).

⁷ Equivalente a 9.97 triliões de euros, de acordo com a taxa do câmbio do Banco da China, consultado em 28-3-2017.

além do consumo de bens necessários, os consumidores urbanos e rurais aplicaram mais dinheiro em outros setores para desfrutarem de uma melhor qualidade de vida.

A melhoria das infraestruturas básicas acompanhou a aceleração económica. Entre 2000 e 2010 foram construídos 10 mil km de linhas ferroviárias, cinco mil dos quais em linhas de velocidade superior a 200 km/h. A rede ferroviária tem agora 80 mil km, 25 mil km eletrificados, tornando este o sistema de transporte mais importante no país, responsável pela movimentação de um terço de todas as mercadorias e passageiros (Monteiro 2011, p.106). Para além disso, o governo chinês planeia aumentar os atuais 130 mil km de autoestrada, para ligar todas as capitais de província em 2020 (Qiao 2016). As telecomunicações registam igualmente um crescimento espantoso, existindo já cerca de 1.53 mil milhões de clientes de telemóveis e 731 milhões de clientes de Internet no final de 2016. A taxa de popularização da Internet atingiu 53,2% a nível nacional, enquanto a taxa nas zonas rurais atingiu 33,1% (NBSC 2016).

Com o crescimento económico e o aprofundamento das reformas e abertura, a China está a reforçar o seu poder internacional. As relações diplomáticas com os EUA e outros países foram restabelecidas em 1979. Em 1982, Deng Xiaoping proclamou a linha mestra “1 país e 2 sistemas”, iniciando negociações com o Reino Unido e com Portugal no sentido de unificar o país. Em 1997, Hong-Kong é finalmente devolvido à China e, em 1999, seguir-se-ia Macau (Monteiro 2011, p. 78).

Em 2001, a 9ª edição da reunião dos líderes da APEC foi realizada em Xangai. Em 2008, Pequim acolheu os Jogos Olímpicos com enorme sucesso. No ano passado, os dirigentes mundiais reuniram-se em Hangzhou para discutir políticas e conceitos inovadores para o crescimento mundial, durante a Cimeira G20. Tudo isto revela que a China desempenha um papel cada vez mais importante nos assuntos internacionais.

Embora a política de reformas e abertura tenha alcançado um sucesso significativo, ajudando consideravelmente o desenvolvimento do país, por outro lado, a China também enfrenta alguns problemas profundos. A China é um país com um território muito vasto: cerca de 9.634.057 km², divididos em 22 províncias, 5 regiões autónomas, 4 municípios e 2 regiões administrativas especiais. A desigualdade na distribuição da riqueza está a aumentar, especialmente entre as zonas rurais e costeiras. De acordo com os dados mais recentes do Centro de Estudos de Ciências Sociais da Universidade de Pequim, em 2016, 1% das famílias mais ricas da China era responsável por um terço da riqueza de todo o país, enquanto 25% das mais pobres só possuía 1% (2016). Além disso, as zonas litorais do sul e do leste (20% do território nacional) têm uma população total de 550 milhões de pessoas, com um PIB médio por habitante entre 1.700 e 5.500 euros. Estas são regiões altamente industrializadas e as suas empresas são responsáveis por 88% das exportações. Pelo contrário, as províncias do interior, que representam 80% do território, têm 750 milhões de pessoas e um PIB médio por habitante de cerca de 1.300 euros, recebendo apenas 2% do investimento direto estrangeiro total (BCG, 2007). Esta disparidade regional também se manifesta ao nível de infraestruturas, ensino, saúde, bem-estar e outras áreas, causando insatisfação nos cidadãos com menor rendimento, podendo ser uma fonte de instabilidade social.

O ambiente também é uma questão muito grave, pois o rápido desenvolvimento industrial da China intensificou a poluição e a degradação dos recursos naturais. Sete das 10 cidades mais poluídas do mundo são chinesas e dois terços das suas 338 cidades, nas quais se conhecem dados da qualidade do ar, são consideradas poluídas. Cerca de 270 milhões de pessoas vivem em cidades cujo ar é poluído, daí as doenças respiratórias e cardíacas relacionadas com a poluição do ar serem a principal causa de

morte. Além disso, um terço dos rios, três quartos dos maiores lagos e um quarto da água costeira estão altamente poluídos. Metade da população tem pouco acesso a água purificada, aproximadamente 300 milhões de pessoas bebem água contaminada e 190 milhões destas pessoas sofrem de doenças relacionadas (OECD 2007). Face a esta situação, a China tem de intensificar medidas de proteção ambiental, adotando tecnologias mais limpas e avançadas em busca de um desenvolvimento mais sustentável.

Devido às políticas de controlo de natalidade do passado, a China sofre também com o envelhecimento da população, sendo já o país com a maior população de idosos do mundo. De acordo com estatísticas oficiais, a população com mais de 60 anos era de 222 milhões em 2015, isto é, 16,15% da população total. Em 2020 existirão 248 milhões de idosos, o nível de envelhecimento populacional atingirá os 17,17% (Centro de Pesquisa de Zhiyan, 2016). Com o crescimento da população de idosos, a procura dos serviços destinados a esta faixa etária está a aumentar, o que traz mais pressão social. Uma das medidas para lidar com o envelhecimento da população foi a revisão da política de filho único, agora todas as famílias chinesas podem ter dois filhos. Apesar de esta mudança ter um grande significado histórico, é preciso tempo para verificar se contribuirá para melhorar a estrutura da população.

Nos últimos 30 anos, muitas mudanças significativas ocorreram na China, de modo que esta nação está a chamar cada vez mais a atenção do mundo. Será que nos próximos anos conseguiremos avaliar se estas mudanças foram eficazes? É difícil prever. Mas é certo que a China se modifica incessantemente, sendo sempre saudável procurar caminhos mais adequados para concretizar os sonhos chineses.

2.2 Olhares portugueses na China sobre a China

Muitos portugueses veem a China como um país gigante e populoso, situado num oriente distante, talvez um pouco misterioso. Graças ao desenvolvimento económico e ao aumentado investimento direto estrangeiro das últimas décadas, a China é hoje a maior fábrica do mundo, a sua imagem está associada ao conceito “fabricado na China”. Ao mesmo tempo, com o número crescente de chineses a chegarem a Portugal para fazerem negócios, alguns portugueses associam o país às lojas de produtos baratos e os chineses ao trabalho árduo e diligente.

De facto, embora os dois países tenham laços históricos de quase cinco séculos, a maior parte dos portugueses não tem conhecimento fidedigno sobre a China, alguns aparentam mesmo ter algum preconceito em relação à cultura chinesa. Mas, quando têm contato direto, especialmente após chegarem ao país, podem ver com os seus próprios olhos a realidade chinesa, possivelmente alterando as suas ideias, sentimentos e atitudes em relação a ela. No atual contexto de Globalização, o número dos portugueses que estuda ou trabalha na China está a aumentar. Para averiguar as suas opiniões sobre a China e a sua situação ali, tivemos a oportunidade de inquirir alguns deles.

O inquérito focou-se nos portugueses que se encontram atualmente na China. As perguntas foram organizadas em três categorias: algumas visam conhecer os sentimentos subjetivos que têm em relação ao país, outras apurar as razões da sua ida, e outras ainda perceber as suas circunstâncias de vida. O número dos participantes no inquérito foi de 38 indivíduos, representativos de vários grupos profissionais da sociedade. Dos inquiridos, 44,74% são homens e 55,26% são mulheres.

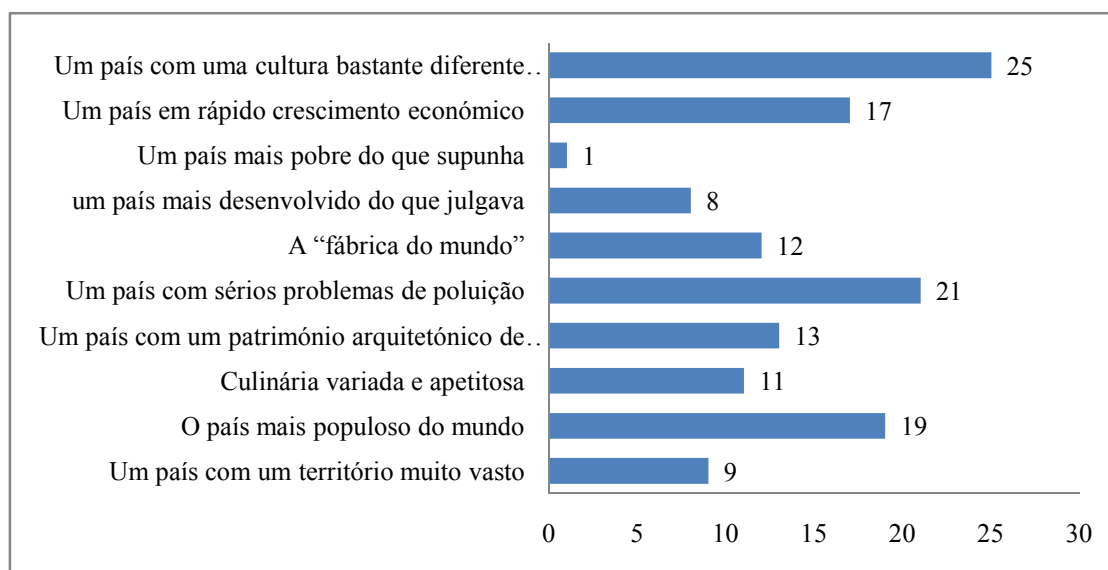
Neste capítulo analisa-se principalmente as opiniões que os portugueses

residentes na China revelaram possuir sobre aquele país. As perguntas colocadas para esse fim foram:

1. Quando pensa na China, qual a ideia que imediatamente lhe vem à mente?
2. Em comparação com as de Portugal, como avalia as infraestruturas e os serviços de que a China dispõe? (Habitações, restauração, redes viárias e de transportes, aeroportos, serviços de saúde, ensino, centros comerciais)
3. No geral, como descreveria os chineses?
4. Na sua opinião, qual é a diferença mais notória e relevante entre a China e Portugal?
5. Como avalia a sua estadia na China em comparação com as expectativas que tinha antes de vir?
6. Gosta de viver na China?

Relativamente à primeira questão, sobre a primeira ideia que associam à China, podemos observar no gráfico abaixo que as respostas mais frequentes foram “um país com uma cultura bastante diferente da ocidental”, “um país com sérios problemas de poluição” e “o país mais populoso do mundo”, respetivamente. No entanto, como esta questão não é de escolha única, os inquiridos puderam escolher outras opções, assim, mais de dez pessoas escolheram também “a China é um país em rápido crescimento económico”, “a fábrica do mundo”, “um país com um património arquitetónico de enorme beleza” e “um país com culinária variada e apetitosa”. Alguns inquiridos expressaram ainda a sua visão pessoal dizendo, por exemplo, que China é uma “bolha na economia mundial”, é um país “mais capitalista do que imaginava”, etc.

Gráfico 2 - Ideias que os portugueses mais espontaneamente formam sobre a China



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China ⁸

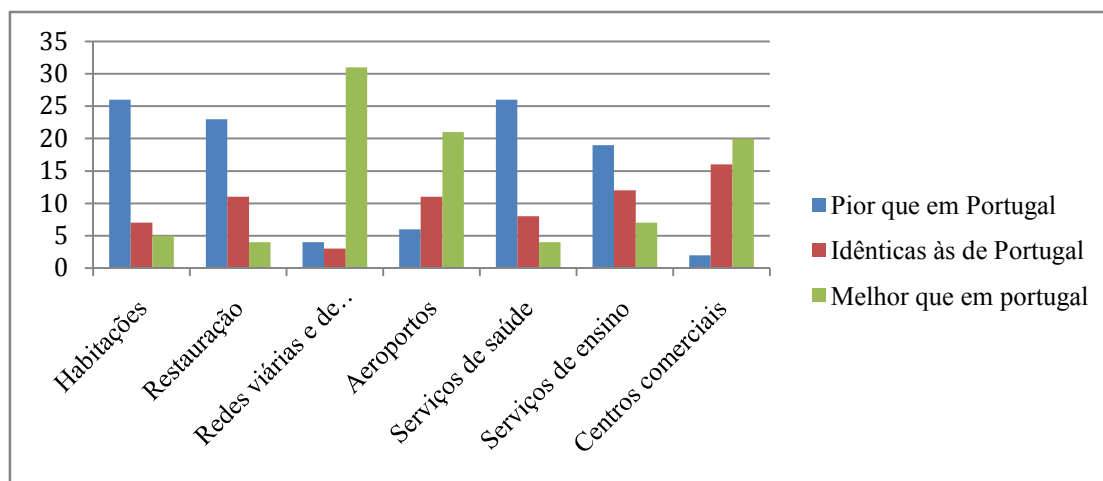
A China e Portugal são dois países muito diferentes. Evidência disso é que, iniciados os contactos com os chineses, “o choque cultural” se manifestou em diferentes aspetos e de vários modos. Não é pois de estranhar que a maioria dos inquiridos assinale que a China é um país com uma cultura bastante diferente da ocidental. Além disso, a maior parte dos inquiridos tem uma opinião positiva sobre a China, está consciente do seu rápido desenvolvimento económico e possui expectativas otimistas em relação ao futuro deste país. Mas, também há uma coisa que não pode ser ignorada e suscita inquietação: os níveis de poluição. Entre os 38 inquiridos, 21 pessoas acham que a China está com sérios problemas de poluição e 55,26% afirma que a falta de qualidade do ar não só faz mal à saúde, como também projeta imagens negativas sobre a nação.

Em relação às infraestruturas existentes (segunda pergunta), as classificações dos inquiridos são interessantes, havendo as habitações, a restauração, os serviços de

⁸ O inquérito pode ser consultado em anexo.

saúde e de ensino com classificação negativa, enquanto as redes viárias e de transportes, os aeroportos e os centros comerciais registam melhor classificação do que Portugal.

Gráfico 3 - Avaliação das infraestruturas e os serviços de que a China dispõe



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Como se pode perceber, a qualidade das infraestruturas e da alimentacão é o principal fator de preocupacão para os inquiridos. Na sua opiniao, as habitacões na China deveriam ter melhor qualidade de construcão e maior preocupacão com a sua manutencão. Ao mesmo tempo, muitas pessoas mostram a sua insatisfacão com a higiene alimentar, achando que o governo chinês deveria implementar um regime de inspecões mais eficaz de higiene e qualidade alimentar. Nos serviços de saúde, a insuficiente privacidade parece ser o maior problema. Nos serviços educativos, alguns inquiridos acham que o ensino na China, em particular o superior, ainda está longe dos níveis de Portugal e de outras nações ocidentais. As suas respostas apontam para alguns problemas na sociedade chinesa que precisam de atencão, embora, por outro lado, não possamos deixar de assinalar que algumas respostas resultem de um choque

cultural. Por exemplo, embora os inquiridos tenham avaliado negativamente a alimentação chinesa, isso não significa que a comida não seja boa. Como os hábitos alimentares são muito diferentes dos portugueses, além do problema de higiene que existe em alguns restaurantes, a diferença gastronómica poderá ser um fator importante que influenciou essa apreciação.

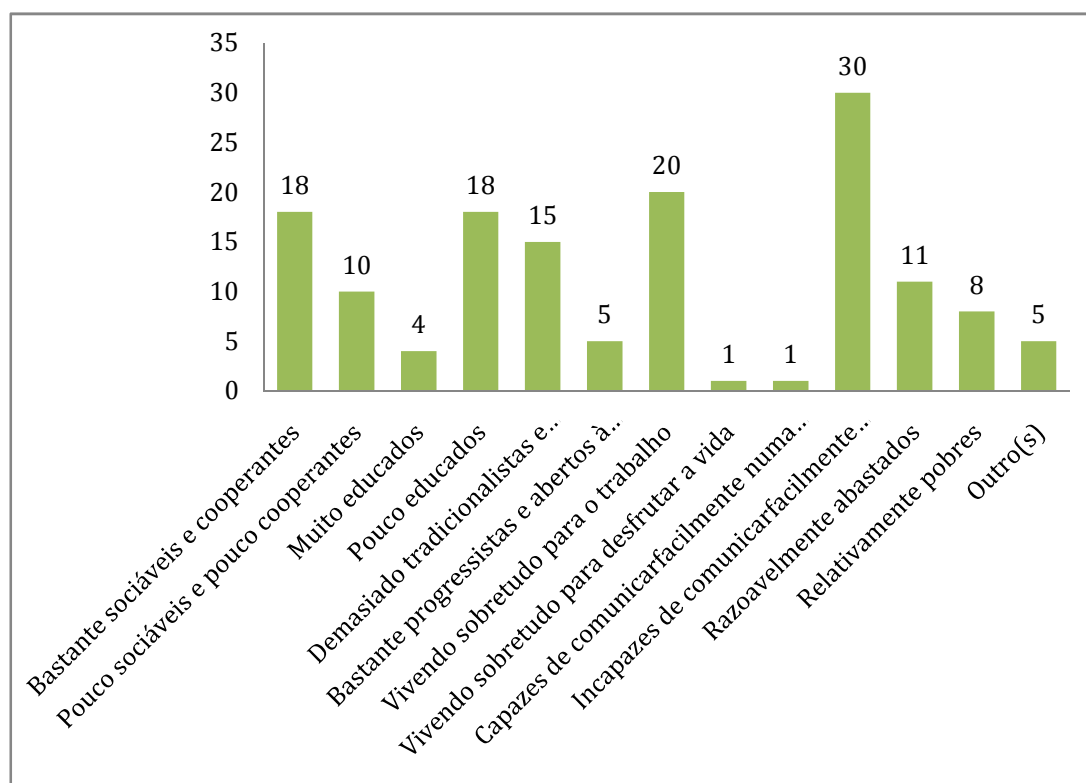
Os inquiridos avaliaram bastante positivamente as redes viárias e de transportes. Como referido anteriormente, a introdução de mudanças nas redes viárias nos últimos 30 anos, com um número sempre crescente de linhas de transporte a serem construídas, as movimentações quotidianas foram facilitadas e tornaram-se mais cómodas. Numa interessante pesquisa disponível na Internet, pergunta-se porque tantos estrangeiros acham a China maravilhosa depois de lá terem ido? Uma das respostas mais populares foi: na China, quando queremos ir a um lugar, possuímos maior “liberdade”, porque podemos usar vários meios de transporte, que não o carro. Devido à pontualidade, conveniência e conforto, os meios de transportes chineses, especialmente os comboios de alta velocidade, são elogiados por muitos estrangeiros. O ambiente e os serviços nos aeroportos e centros comerciais também estão a melhorar com o desenvolvimento económico. Tudo isto ajudou a gerar ideias mais positivas sobre a China.

Todavia, acrescente-se que quase todos os inquiridos estão a viver em cidades modernas, a maior parte deles em Pequim ou Xangai e os restantes em capitais de província, de modo que as suas avaliações serão porventura representativas das características e das situações de apenas algumas zonas da China. Persistem muitas diferenças no atual desenvolvimento da China e de Portugal, sendo este último um país relativamente equilibrado, enquanto na China a desigualdade entre as grandes cidades e as zonas rurais é muito grande. Em resultado disso, as infraestruturas entre os

dois países são difíceis de comparar.

Quando inquiridos sobre as ideias que, de modo mais imediato e espontâneo, formam acerca dos chineses (terceira pergunta), os resultados por ordem decrescente foram os seguintes: à cabeça “incapazes de comunicarem facilmente numa língua que não a sua, como o inglês ou o português”, logo depois “vivendo sobretudo para o trabalho”, “bastante sociáveis e cooperantes”, “relativamente pouco educados” e “razoavelmente abastados” (Gráfico 4). Alguns respondentes assinalaram que os fatores acima variam, dependendo da província ou mesmo da cidade. Consideraram também que muita gente que conhecem é educada, de mente aberta e amistosa, apesar das diferenças culturais gritantes.

Gráfico 4 - Como descreveria os chineses?



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Sobre a diferença mais notória e relevante entre a China e Portugal, existem

também respostas diversas. Sem dúvida, a dimensão e o número da população são as duas mais evidentes diferenças entre os dois países.

Além disso, a maioria dos inquiridos acha que a diferença mais relevante é a cultura. É evidente que este conceito, “cultura”, é controverso e aberto a múltiplas interpretações. De facto, pode dizer-se que cada pessoa terá um conceito pessoal de cultura, não havendo qualquer definição fechada. Tylor (1871), que aqui sigo, considerou a cultura como algo “complexo que inclui crenças, conhecimento, arte, moral, lei, costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (p. 1). De acordo com esta definição, podemos dizer que, quando uma pessoa vive num país que não é o seu de origem, expõe-se a situações e desafios diferentes daqueles a que está habituado e aos quais tem de tentar ajustar-se diariamente. As diferenças refletem-se em muitos aspetos da vida dos portugueses atualmente na China, por exemplo na língua, na educação, nos hábitos de alimentação, na atitude e no ritmo de vida, no sistema político, nas relações entre as pessoas, etc.

Um dos inquiridos afirmou que na China existe um sentido de urgência e um grande nível de competitividade, que é preciso correr muito só para acompanhar o ritmo das mudanças e das oportunidades, por contraponto com Portugal onde as coisas são mais relaxadas e sem pressas. Do nosso ponto de vista, as diferenças culturais influenciam diretamente as duas atitudes. Na cultura tradicional da China, trabalhar duramente é mais aplicado e encorajado, por isso, a maioria dos chineses costuma passar mais tempo no trabalho, em detrimento do seu conforto e ócio. Em Portugal, os portugueses preferem procurar um equilíbrio entre o trabalho e a vida social, depois do trabalho, gostam de passar tempo com a família, com os seus amigos, fazer coisas mais descontraídas. Em suma, a vida em Portugal parece mais calma e menos dura. Além disso, a China é um país populoso, mas as oportunidades e os recursos sociais

são limitados, sendo esta também uma possível razão que explica a maior competitividade. Poucos inquiridos declararam que a maior diferença radica provavelmente no avanço tecnológico. Em sua opinião, a vida na China é mais consonante com as exigências tecnológicas atuais do que a que se leva em Portugal, como demonstra o número de utilizadores de telemóvel, por exemplo.

Os dados do inquérito revelam que 60,52% dos participantes considera a sua estadia na China melhor ou muito melhor do que esperava, enquanto 21,05% acha que é igual e só 18,42% pensa que é pior do que esperava. No entanto, 89,47% gosta de viver no país, apenas 10,53% não parece apreciar a experiência. As razões que manifestaram para gostarem de viver na China incluem: adorar a comida chinesa; ser um país diferente e estimulante; as pessoas serem simpáticas; uma nova experiência que permite crescer e fazer amigos de todo o mundo; gostar muito da cidade em que vive por ser uma cidade multicultural. No antípoda, a poluição e a falta de identificação com o povo são os principais motivos que levam alguns inquiridos a declararem que não gostam de viver ali.

2.3 Balanço

O principal objetivo deste capítulo foi tentar compreender como os portugueses residentes percecionam a China, por intermédio de um retrato do desenvolvimento do país nos últimos 30 anos e da aplicação de um inquérito. Através da análise dos resultados do inquérito, encontrámos alguns problemas que existem na sociedade chinesa do ponto de vista dos estrangeiros, visão que é útil para conhecermos o “outro” e melhorarmos a “nós próprios”.

CAPÍTULO III

As motivações dos portugueses para emigrarem para a China

3.1 Evolução das relações luso-chinesas

Os portugueses têm mantido contactos permanentes com a China desde o século XVI. Naquele tempo, Portugal já tinha iniciado os seus “Descobrimentos”, sendo pioneiro nas explorações marítimas em busca de novas rotas de comércio. Em 1498, com a chegada a Calecute, os portugueses iniciaram o caminho marítimo para a Índia. Posteriormente, em 1510, instalaram-se em Goa e no ano seguinte em Malaca, a partir de onde passaram a desenvolver um comércio ativo em toda a zona. Em 1513, Jorge Álvares aportou próximo de Cantão, sendo assim o primeiro europeu a chegar por via marítima, o que dá início a um novo período da história da China (Mesquitela 1996). Nesta altura, em que imperava na China a dinastia Ming (1368-1644), os chineses eram vítimas constantes dos piratas vindos do mar e, face a esta situação, as autoridades decidiram encerrar a maioria dos portos, exceto o de Cantão para o comércio com o Sudeste Asiático, o de Fuzhou para o comércio com as Filipinas e o de Ningbo para o comércio com o Japão.

Dado que o imperador não permitia a entrada de estrangeiros em território chinês, inicialmente, o relacionamento entre Portugal e a China foi complicado. Em 1517, a missão enviada a Cantão, com Tomé Pires como embaixador, aguardaria aí três anos antes de receber autorização imperial para poder seguir por terra para Pequim, onde chegou em 1521 (Amaro 1998). Nos anos de 1521 e 1522 ocorrem confrontos entre navios portugueses e chineses na baía de Hong-Kong e só são restabelecidas as normais relações por volta de 1549, sobretudo devido à ajuda dos portugueses no combate aos piratas. De notar que os piratas eram proveniente de ilhas vizinhas, entre elas o Japão, e tinham frotas de dezenas de navios de médio porte, enquanto os barcos chineses tinham apenas remos e velas e outros eram simples

galeras, o que tornava os juncos mercantes chineses presa fácil na ausência de ventos. Esta ajuda dos portugueses iria repetir-se várias vezes ao longo dos séculos (Pereira 2009). Tal contribuiu para que os portugueses começassem a frequentar alguns portos das províncias de Fujian e Zhejiang e, em 1557, conseguissem permissão para ancorar embarcações e construir algumas edificações no território de Macau, vindo a construir aí um importante porto (Smithsonian Institute 2007).

No início da dinastia Qing (1644-1911), as relações entre a China e os países europeus começaram por ser boas. Portugal encontrava-se em posição económica favorável, dada a descoberta de bastante ouro no Brasil em 1697. Como tal, enviou várias delegações diplomáticas a Pequim, o que reforçou a existência de Macau como base comercial, bem como a posição dos jesuítas enquanto únicos estrangeiros autorizados a viver em território continental. Esses jesuítas não só levaram o catolicismo para a China, como desempenharam um importante papel no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente. Por exemplo, o jesuíta português Tomás Pereira tornara-se já famoso ao ascender a vice-diretor do Observatório Astronómico de Pequim, professor de música ocidental do imperador Kang Xi e seu conselheiro diplomático (OE, 2003). No entanto, com o incremento das comunicações entre os dois países, os portugueses adquiriram mais conhecimento sobre a China, em domínios como a medicina, a organização social e política. A porcelana, o chá e os tecidos de seda eram os principais produtos adquiridos pelos portugueses na China, em finais do século XVII. A arte chinesa tornou-se um luxo requintado nos palácios europeus.

A partir de meados do século XIX, a China sofreria graves contestações sociais, regressões económicas e derrotas humilhantes frente a potências europeias, que resultaram nas duas “Guerras do Ópio”. Embora Portugal não tivesse participado nas

duas guerras, aproveitou a fraqueza das autoridades chinesas da época, para tentar resolver o problema diplomático da soberania efetiva de Macau, que já se arrastava há décadas. Assim, em 1887, o “Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português” foi assinado pelas duas partes, a reconhecer a ocupação perpétua de Macau pelos portugueses (Monteiro 2011, pp. 47-62). Desde então, a autonomia de Macau tornou-se uma questão permanente entre a China e Portugal.

Após um longo período de guerras, agressão externa e convulsões internas, a República Popular da China foi estabelecida em 1949, altura em que os dirigentes da “Nova China” tentaram restabelecer as relações diplomáticas com outros países a fim de resolver o relativo isolamento internacional da China continental. Em fevereiro de 1979, a relação diplomática entre a China e Portugal foi restabelecida. Em 1982, Deng Xiaoping propôs a política de “1 país e 2 sistemas”, iniciando negociações com Portugal, no sentido de reunificar Macau à “mãe-pátria”, o que aconteceria a 20 de dezembro de 1999. A resolução da questão de Macau abriu um novo capítulo nas relações entre os dois países. Hoje em dia, com o crescimento da comunicação e cooperação bilaterais, as relações luso-chinesas estão a tornar-se mais abrangentes.

3.2 Comunidades portuguesas na China

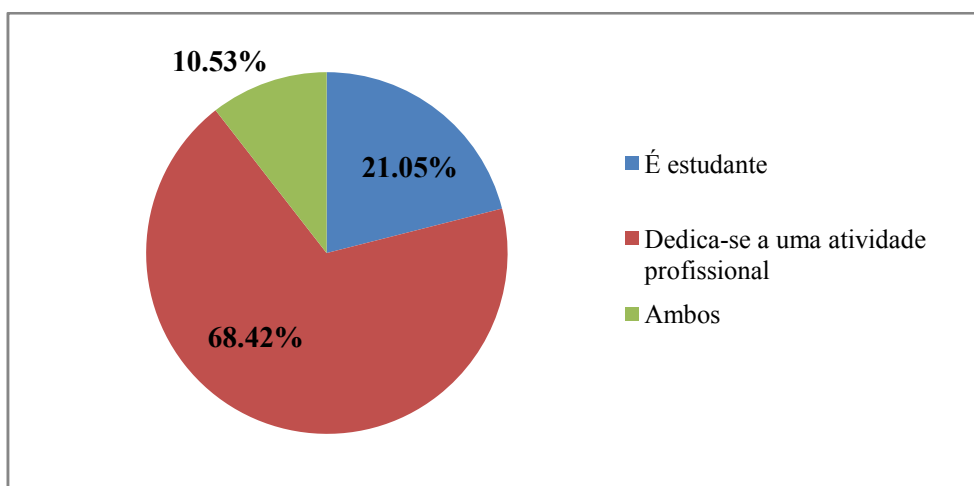
Por altura do restabelecimento de relações diplomáticas, existiam poucos portugueses a trabalhar ou estudar na China. Mas nos últimos anos, a partir de um rápido crescimento da economia e um papel mais importante do país no desenvolvimento global, a comunidade portuguesa na China tem tido um aumento notável. Segundo os dados mais recentes, residem atualmente na China continental

(excluindo Macau e Hong Kong) cerca de 1.110 portugueses, sete vezes mais do que há uma década.

Após a aplicação do inquérito, tivemos a oportunidade de entrevistar alguns dos participantes. De acordo com as suas respostas (Gráfico 5), podemos dividir os migrantes portugueses na China em três categorias:

- Estudantes;
- Portugueses que se dedicam a uma atividade profissional;
- Ambos.

Gráfico 5 - A situação atual dos portugueses na China



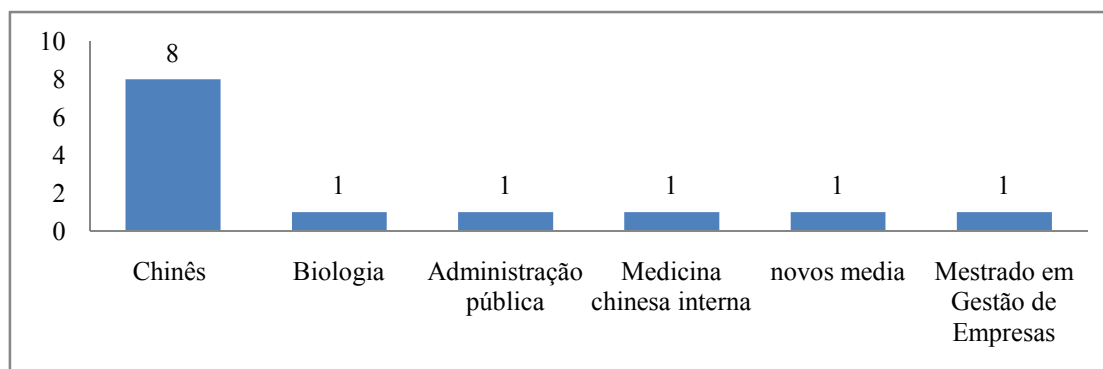
Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

3.2.1 Portugueses que estudam na China

Segundo as informações obtidas no inquérito (Gráficos 5 e 6), podemos observar que 31,58% dos inquiridos está a estudar na China, percentagem que inclui também os alunos que já tiveram um trabalho. A maioria dos alunos portugueses opta por um curso de língua chinesa, embora outros frequentem um curso de biologia,

administração pública, medicina chinesa interna, novos *media* ou gestão de empresas (ao nível do mestrado).

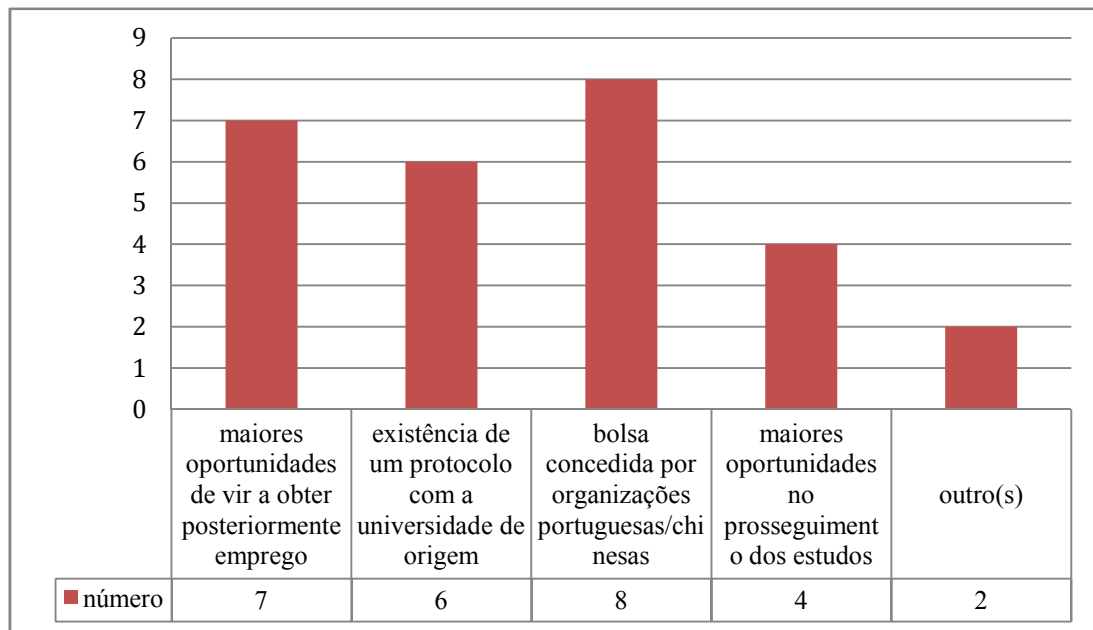
Gráfico 6 – O que estuda na China?



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Quando interrogados sobre a razão de escolherem a China para estudar, as principais respostas, por ordem decrescente, incluem (Gráfico 7): “bolsa concedida por organizações portuguesas/chinesas”, “maiores oportunidades de vir a obter posteriormente emprego”, “existência de um protocolo com a Universidade de origem”, e “maiores oportunidades no prosseguimento dos estudos”. Uma inquirida foi para a China para acompanhar o marido que trabalha lá há quatro anos, e outro estudante declarou que estuda medicina chinesa na China porque é o melhor local para o efeito.

Gráfico 7 - Porque escolheu a China para estudar?



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

A existência de oportunidade nos estudos é o fator decisivo para os alunos escolherem a China para estudar. No contexto das intensas relações económicas existentes entre a China e Portugal, cada vez mais portugueses apresentam elevado interesse pela língua e cultura chinesa, contribuindo significativamente para reforçar as relações culturais e académicas entre os dois países. Em 2005, com a visita do primeiro-ministro Wen Jiabao a Portugal, promoveu-se o estabelecimento do primeiro Instituto Confúcio em Portugal, em parceria com a Universidade do Minho. O Instituto Confúcio é uma organização educacional pública sem fins lucrativos vinculada ao Ministério da Educação da China, cujo objetivo é promover a língua e a cultura chinesa, apoiar o ensino de chinês e facilitar o intercâmbio cultural em todo o mundo. Portugal tem já quatro Institutos Confúcio instalados na Universidade do Minho, Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro e Universidade de Coimbra. Para além de desenvolver um intenso rol de atividades de extensão cultural, estes

institutos também dão apoio ao ensino do chinês, designadamente em outros estabelecimentos de ensino superior e em escolas do ensino básico e secundário.

Várias instituições de ensino superior abriram cursos relacionados com a língua chinesa, de que é exemplo a licenciatura em *Línguas e Culturas Orientais* e o mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês* da Universidade do Minho, e a licenciatura em *Tradução e Interpretação Português-Chinês/Chinês-Português* do Instituto Politécnico de Leiria. Estas instituições desenvolvem positivamente a cooperação académica com as universidades chinesas que se abrem ao ensino de língua portuguesa, promovendo o intercâmbio de docentes e estudantes.

A Universidade do Minho lançou, no ano letivo de 2004/05, a licenciatura em Estudos Orientais, a primeira do género em Portugal. Em 2007, o curso foi reestruturado resultando na licenciatura *Línguas e Culturas Orientais*, com predominância do chinês. No ano letivo 2009/10 foi lançado o mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*. Estes cursos pretendem dotar os estudantes com competências linguísticas, capacidade comunicacional e sensibilidade cultural que lhes permita agir em todas as áreas e atividades profissionais que tenham relação com os mundos lusófono e chinês. Atualmente, a Universidade do Minho mantém laços de cooperação com o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, a Universidade de Nankai, a Universidade de Sun Yat-sen, a Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an e outras instituições chinesas. Através destes programas de cooperação, os estudantes chineses licenciados em *Estudos Portugueses* podem vir para a Universidade do Minho fazer o seu terceiro ano de licenciatura, outros alunos que já acabaram a licenciatura podem frequentar um mestrado ou doutoramento em Portugal. Os alunos de *Estudos Chineses* também têm oportunidades de estudarem em universidades chinesas por um ano (o seu primeiro de

mestrado).

A licenciatura em *Tradução e Interpretação Português-Chinês/Chinês-Português* do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) foi lançada há dez anos, consequência natural das ligações que existiam entre o IPL e o Instituto Politécnico de Macau, que já permitia o intercâmbio de alguns estudantes de forma isolada. Atualmente o IPL conta com parceiros do ensino superior de Macau, Pequim, Hainan, Jiangxi e Sichuan. No ano letivo 2016/17, o IPL recebeu 130 alunos chineses para aprenderem português, provenientes das cinco universidades parceiras, para além de 102 estudantes portuguesas a aprender chinês. A estrutura da licenciatura de quatro anos prevê que no, 2º e no 3º ano, os portugueses tenham aulas em Pequim e Macau, enquanto os alunos estrangeiros são recebidos no Politécnico de Leiria (Lusa 2016).

Para além dos protocolos existentes entre as instituições de ensino superior dos dois países, as políticas relacionadas com a cooperação de ensino do governo chinês também são um fator importante no intercâmbio de estudantes. De acordo com dados do Ministério de Educação, em 2016 existiam 442.773 alunos estrangeiros a estudar na China, um aumento de 11,35% em relação ao ano anterior. A China tornou-se um destino de estudos importante em todo o mundo. De resto, 11,07% dos alunos estrangeiros recebeu bolsas de estudo do governo chinês (2016).

De acordo com as notícias da Embaixada da República Popular da China em Portugal:

(...) Em setembro e outubro de 2013, o Presidente chinês Xi Jinping, durante as suas visitas à Ásia Central e ao Sudeste Asiático, lançou a importante iniciativa “Uma Faixa e Uma Rota”. A construção conjunta de “Uma Faixa e Uma Rota” visa promover a conectividade entre os

continentes asiático, europeu e africano e os seus mares adjacentes, estabelecer e reforçar a parceria entre os países ao longo da Faixa e Rota da Seda e configurar as redes de interconexão e intercomunicação multidirecional, complexa e em vários níveis, por forma a concretizar o desenvolvimento diversificado, independente, equilibrado e sustentável de todos os países (Embaixada da República Popular da China em Portugal 2016).

No sentido de aprofundar o intercâmbio e a cooperação entre talentos dos países ao longo do território da “Faixa e Rota da Seda”, a China oferece todos os anos dez mil bolsas de estudo governamentais aos alunos destes países, realiza eventos e atividades conjuntas, tais como o Ano Cultural, o Festival de Arte e Cinema, Semanas de Televisão ou Feiras do Livro, e fomenta a cooperação na criação e tradução de produtos de rádio, cinema e telenovelas. Esta iniciativa também tem o objetivo de reforçar a cooperação na área da ciência e tecnologia, o que passa pela construção em conjunto laboratórios (ou centros de investigação), centros internacionais de transferência de tecnologias e centros de cooperação marítima, pelo intercâmbio de pessoal científico e tecnológico, pelo desenvolvimento da cooperação em importantes temas científicos e tecnológicos, com o objetivo de elevar a capacidade de inovação científica e tecnológica. Portugal é um dos participantes desta iniciativa, pelo que a cooperação académica e científica entre os dois países tende a intensificar-se e tornar-se mais frequente.

A partir dos resultados do inquérito, notamos que os estudantes têm grandes

expectativas perante o que o país lhes poderá oferecer, as oportunidades de emprego são outro fator importante que influencia as suas opções. Atualmente, a China caminha a passos largos para se assumir como uma das mais importantes potências económicas mundiais. O país está a investir bastante no Brasil, Angola, Moçambique e, em menor escala, Portugal, contribuindo para o seu desenvolvimento. Sendo o português a língua oficial desses países, ter uma especialização em português e chinês abre muitas portas. Os estudantes que aprendem a língua chinesa e portuguesa podem trabalhar em qualquer área no futuro, desde o ramo empresarial à tradução, desde que envolva um país de língua portuguesa e a China. Por isso, as oportunidades de trabalho multiplicam-se.

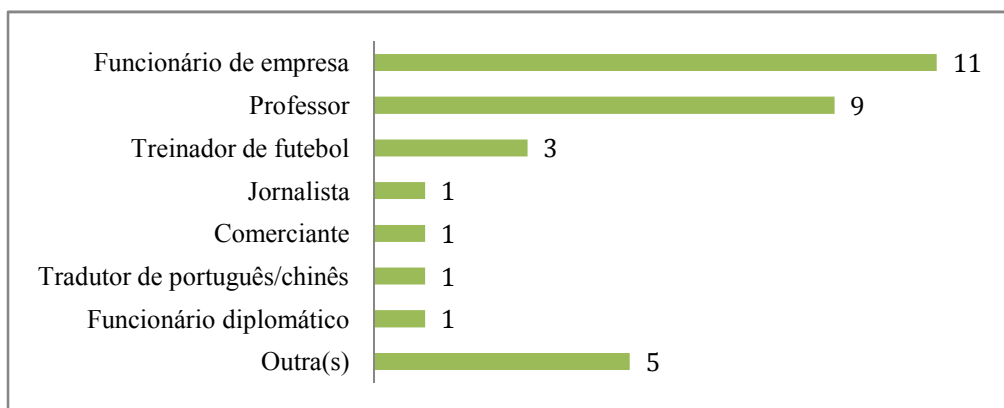
Para além dos alunos que frequentam o curso de língua chinesa, a China também dá bom acolhimento aos estudantes estrangeiros de outras áreas. No contexto da construção dos projetos “Uma Faixa e Uma Rota”, o governo tem recursos para expandir e promover ativamente a cooperação pragmática com os países envolvidos nas áreas do emprego dos jovens, a fim de criar mais empregos, intensificar o intercâmbio humano e cultural e fomentar a aprendizagem mútua (*idem*). Por isso, para a maioria dos estudantes portugueses, estudar na China é uma boa opção para o futuro.

3.2.2 Portugueses que se dedicam a uma atividade profissional

Em relação aos portugueses que trabalham atualmente na China, as suas circunstâncias são mais complexas, porque as suas atividades profissionais incidem em várias áreas, da educação à diplomacia, passando pelos negócios ou pelo futebol.

Quase metade dos inquiridos trabalha numa empresa ou é professor (Gráfico 8), três deles são treinadores de futebol, enquanto outros se dedicam a outras atividades: jornalista, comerciante, tradutor de português/chinês ou de português/inglês, funcionário diplomático, dentista, consultor, etc.

Gráfico 8 - Áreas profissionais dos portugueses na China (I)



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

A crescente cooperação económica entre a China e Portugal em vários setores reflete-se nas ocupações dos imigrantes. Os funcionários portugueses na China trabalham em empresas muito diversas: de calçado, bebidas, comércio internacional, engenharia, farmácia, aviação, proteção ambiental, entre outras (Quadro 2). Analisar-se-á, em seguida, alguns tipos de empresa representativos.

Quadro 2 -Áreas profissionais dos portugueses na China (II)

Funcionário de empresa	Professor		Comerciante	Outros	
11	9		1	5	
Que tipo de empresa?	O que ensina na China?		Que ramo de negócio?	Qual?	
Calçado	Língua portuguesa	4	Imobiliário	Empreendedorismo	
Engenharia					
Consultor de farmacêutica				Consultor	
Empresa ambiental chinesa	Inglês	4			Designer
Companhia aérea - Beijing Capital Airlines					
Bebidas					
Design				Médica dentista	
Agência de marketing	Ciências	1			Tradutora inglês-português
Comércio internacional					
Atividade comercial					
Comércio e marketing eletrónicos					

Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Em primeiro lugar, destaque-se a indústria portuguesa de calçado na China. A indústria de calçado é uma das mais desenvolvidas em Portugal, com uma longa história, e que granjeou sucesso internacional nos últimos anos. De acordo com números recentes, em 2016, as exportações do setor cresceram 3,2%, para 1.923 mil milhões de euros, resultantes de 81 milhões de pares de sapatos vendidos em 152 países. É o sétimo recorde consecutivo numa fileira que viu as vendas de exportação aumentar 58% desde 2009. Estes números contrastam com o desempenho negativo de

outros produtores como Espanha (-7,8%), Itália (-0,9%) ou até a China (-12%) (Paula 2017) e, segundo o *Jornal de Notícias* de 20 de fevereiro de 2017, o setor vai continuar a investir 14 milhões de euros em promoção comercial nos mercados externos.

Num período de sete anos, a potência asiática aumentou em 20 vezes as importações de calçado “made in Portugal”, país que passou a ser o seu quinto maior fornecedor de calçado. E a tendência é de crescimento. O valor das compras de calçado português por parte da China encontra-se atualmente nos 12,9 milhões de euros, com um preço médio de 41,06 euros por par (O Jornal Económico 2017). Se é evidente que a indústria portuguesa de calçado alcançou bons resultados na China nos últimos anos, provavelmente no futuro mais empresas vão tentar entrar no mercado chinês e criar mais postos de trabalho ali.

As exportações de bebidas e produtos alimentares também contribuem para a balança comercial entre a China e Portugal. Em março de 2016, o Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa entrou oficialmente em funcionamento em Macau, organizado pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPCIM). O objetivo deste estabelecimento é dinamizar o papel de Macau como “plataforma de serviços” e proporcionar a residentes, comerciantes e turistas um local onde possam encontrar bebidas e produtos alimentares estrangeiros, abrindo assim novas oportunidades de negócio para as empresas chinesas e dos países lusófonos. A Exposição apresenta e promove diversos tipos de vinhos, alimentos enlatados e processados, temperos, café, chá, laticínios, sumos e outros produtos alimentares especialmente selecionados de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste (O Século 2017).

No ano passado, o gabinete de ligação do IPCIM instalou-se em Fuzhou, no

interior da China e, no futuro, irá analisar a viabilidade de instalação de gabinetes em Shenyang, Hangzhou, Chengdu, Guangzhou, Wuhan e outras cidades. Os clientes podem ter acesso, através do telemóvel, a informações sobre locais de venda por grosso e a retalho dos produtos. Neste contexto, a cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa tornar-se-á cada vez mais simples e conveniente.

Um dos inquiridos trabalha na *Beijing Capital Airlines* na China, companhia aérea responsável pelo voo direto entre a China e Portugal inaugurado no dia 26 de julho deste ano. A abertura da ligação direta resulta do desenvolvimento das relações luso-chinesas. Por um lado, o voo direto pode facilitar a mobilidade populacional entre os dois países e, por outro lado, também pode promover o intercâmbio cultural e comercial.

Outra oferta significativa de empregos reside na área da educação. No Quadro 2, podemos observar que nove dos inquiridos trabalham como professores na China, quatro ensinam língua portuguesa, outros quatro ensinam inglês, e um ensina ciências. Existem atualmente na China mais de 30 instituições com licenciaturas em português, o número dos estudantes que escolhe este curso universitário está a aumentar. Mas há cada vez mais chineses a manifestarem interesse na língua e cultura portuguesa, sobretudo os que trabalham em Angola, Moçambique e Brasil, graças ao crescente investimento chinês em países lusófonos. Na sua opinião, aprender português é favorável para a sua carreira. Por isso, além das instituições de ensino superior, existem também alguns institutos de formação que oferecem cursos de língua portuguesa a nível privado. Deste modo, atualmente a procura de leitores e professores nativos de língua portuguesa é grande na China.

Para além do português, o inglês é cada vez mais necessário num contexto de globalização, não só por ser uma das línguas mais faladas do mundo, mas também por

ser uma língua franca no mundo dos negócios. O ensino de inglês na China possui um enorme mercado e oferece muitos benefícios, algumas instituições privadas oferecem altos salários aos professores, neste caso, alguns portugueses fluentes em inglês optaram por este setor.

Destaque-se que três inquiridos trabalham como treinadores de futebol na China. Como sabemos, Portugal é um país muito evoluído neste desporto pelo que, nos últimos anos, com a popularidade deste na China, realizam-se mais intercâmbios entre clubes chineses e portugueses. Atualmente há mais de 20 jogadores e treinadores portugueses a trabalhar na China. Os clubes chineses oferecem-lhes um salário mais elevado do que em Portugal ou noutros clubes internacionais. Talvez a China seja um bom lugar para ganhar dinheiro, a disparidade nos níveis de rendimento é uma causa evidente desta intensa migração.

Além das situações acima referidas, existem também alguns portugueses que se dedicam a outras áreas profissionais na China, tais como jornalismo, diplomacia e tradução. Embora os seus trabalhos sejam diferentes, todos estão relacionados com a proximidade entre a China e Portugal.

Cada vez mais portugueses rumam até à China para trabalhar, devido às oportunidades de emprego, à qualidade de vida, ao melhor rendimento e por outras razões. Eles podem presenciar e beneficiar do rápido desenvolvimento económico da China, para além do que, através dos seus próprios esforços, podem alcançar rapidamente sucesso profissional e realizar os seus sonhos.

3.2.3 Ambos

Para além das duas categorias referidas até este ponto, existe outro tipo de comunidade um pouco especial: os portugueses estudantes que trabalham a tempo parcial.

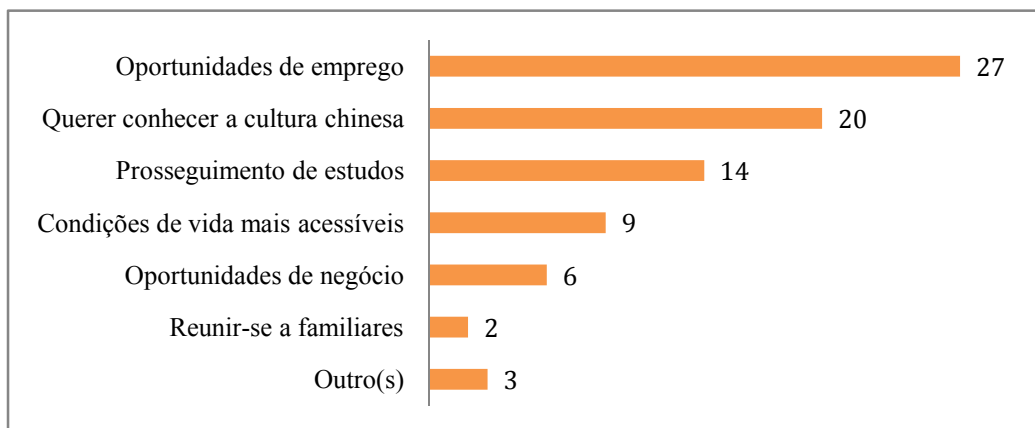
Segundo os regulamentos da República Popular da China sobre a entrada e saída de estrangeiros, após a aprovação da escola e da autoridade oficial, os estudantes estrangeiros com autorização de residência para estudar podem encontrar um trabalho extra ou um estágio fora do campus, durante a sua permanência no país (Ministério dos Negócios Estrangeiros 2014). A China vive num processo de rápido desenvolvimento económico e muitas empresas locais oferecem oportunidades de emprego aos estudantes estrangeiros, a fim de atrair novos talentos. Assim, para a maioria dos estudantes estrangeiros na China, arranjar um trabalho a tempo parcial não é difícil, o que melhora a situação económica dos estudantes. Para além do fator monetário, a experiência laboral pode ser importante na medida em que permite a ligação entre a teoria aprendida na escola e a prática, permitindo-lhes identificar a área profissional que realmente querem, o que determina os seus percursos profissionais no futuro.

3.3 Razões para viverem na China

Quando questionados sobre os principais motivos que os levaram a escolher a China, os resultados do inquérito (Gráfico 9) mostram que as oportunidades de emprego foram determinantes, mas não a única razão. As condições de vida mais acessíveis, as oportunidades de negócio, o desejo de conhecer a cultura chinesa, a reunião de familiares e o bom estado de economia também contribuíram para a sua

emigração.

Gráfico 9 -Que motivo(s) principal(is) o/a levou/aram a escolher viver na China?



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Para além das oportunidades de emprego, de estudo e de negócio, a China é também um local de grande atratividade do ponto de vista cultural e social. Sendo um país com enorme riqueza cultural, todos os seus aspetos da cultura são diferentes e misteriosos para a generalidade dos ocidentais: a gastronomia variada, as maravilhas arquitetónicas e os costumes fascinantes. Por esse motivo alguns portugueses que vivem na China para conhecerem melhor a sua cultura.

Por outro lado, a China também é um lugar que permite ter qualidade de vida. Quase todas as cidades têm as infraestruturas necessárias para se viver bem, o que não acontece nas zonas rurais. A sociedade chinesa é bastante segura e os seus habitantes sentem-se, em geral, tranquilos e felizes. O custo de vida pode atingir o nível médio, dependendo principalmente da cidade escolhida para morar. Nas maiores cidades como Pequim, Xangai e Guangzhou, o custo de vida é mais caro, o ritmo de vida também é mais acelerado. Mas, ao mesmo tempo, ali existem mais oportunidades, sendo possível obter melhores rendimentos. Quem procura uma vida mais confortável

e relaxada, pode escolher as cidades mais pequenas, tais como as capitais de província.

A vida é feita de escolhas, que geram consequências. Para os portugueses que escolheram viver na China, a sua opção significou deixarem para trás várias coisas em Portugal e ganharem novas experiências do outro lado do planeta. Por isso, é imensurável relacionar as perdas e os ganhos.

CAPÍTULO IV

Os portugueses que vivem atualmente na China

4.1 Situação geral

Com o desenvolvimento e o fortalecimento das relações luso-chinesas, os movimentos populacionais entre os dois países estão a tornar-se cada vez mais frequentes. De acordo com os últimos dados divulgados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), no final de 2015 viviam 21.329 chineses em território português, sendo esta a quinta maior comunidade estrangeira em Portugal (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras 2016, p. 12).

O número dos portugueses que foi para a China registou igualmente um crescimento significativo nos últimos anos. Dados do Consulado de Portugal em Xangai mostram que, em 2006, o consulado tinha recebido 20 inscrições, número que chegou a quase uma centena no final de 2010. O número tem vindo a crescer a um ritmo de 30 pessoas por ano. Na Embaixada Portuguesa em Pequim havia cerca de 300 cidadãos registados em 2009 (Sapo 2010), enquanto uma fonte online apontava para 1.110 portugueses a residirem na China continental no final de 2016, cerca de sete vezes mais do que há dez anos (TVI24 2016).

Estes números dizem apenas respeito às estatísticas dos portugueses inscritos na secção consular de Xangai e Pequim, não dando, por conseguinte, a imagem completa da dimensão da comunidade portuguesa na China. Os organismos oficiais ainda não dispõem de estatísticas fiáveis sobre a população total dos imigrantes portugueses, havendo apenas estimativas e aproximações.

Embora a comunidade portuguesa na China seja pequena, desempenha um papel fundamental na articulação entre as duas sociedades. Através da aplicação e análise do inquérito, encontramos infra alguns números e detalhes que ilustram as suas circunstâncias reais na China.

4.1.1 Composição etária

Dos inquiridos, 47,37% tem entre 20-30 anos, 31,58% entre 30-40 anos e 21,05% entre 40-50 anos; nenhuma pessoa com mais de 50 anos ou menos de 20 participou neste inquérito. Com base nestes dados, podemos constatar que os imigrantes portugueses na China são, na sua maioria, jovens e adultos em idade de estudar e de trabalhar, numa faixa etária entre os 20 e os 50 anos. A distribuição por género revela que a amostra feminina é um pouco superior: 44,74% dos inquiridos são homens e 55,26% são mulheres.

4.1.2 Estado civil

A maioria dos inquiridos é solteira (78,95%) e 21,05% é casada. Dos oito indivíduos casados, 75% são homens e 25% são mulheres. Sublinhe-se que 73,68% dos inquiridos se encontra atualmente a viver na China sozinho, 15,79% vive com o cônjuge e 10,53% vive com o cônjuge e filhos.

4.1.3 Descendência

A maioria dos inquiridos, 76,32%, ainda não tem filhos, apenas nove têm descendência (23,68% da amostra). Quando questionados sobre a situação atual dos seus filhos, cinco indivíduos responderam que nasceram e estão a ser criados em Portugal, dois indivíduos responderam que nasceram em Portugal, mas estão a ser

criados na China e outros dois responderam que nasceram e estão a ser criados na China.

Em relação à educação, seis inquiridos preferem que os seus filhos recebam a sua educação em Portugal. As razões que invocam para essa sua preferência incluem: a educação na China não é compatível com a cultura portuguesa; a qualidade do sistema educativo em Portugal é melhor; prefere o sistema educativo português por envolver menos exigência e menos pressão por parte da sociedade, de modo que o seu filho pode ter uma infância mais feliz. Para dois dos inquiridos é-lhes indiferente que os filhos recebam a educação num ou noutro país. Só dois inquiridos preferem que o seu filho receba a educação na China, porque acha que é aí que pode estar com a família.

4.1.4 Distribuição geográfica

A distribuição geográfica da comunidade portuguesa na China revela uma concentração nos grandes centros urbanos.

Como podemos observar no Quadro 3, dos 38 inquiridos, 15 estão a viver em Pequim e nove estão a viver em Xangai. Como se sabe, Pequim é capital e também o centro político, cultural e educacional do país, com um grande número de faculdades e universidades e sede da maioria das maiores empresas chinesas. Xangai é o maior centro comercial da China e um dos cinco maiores centros financeiros do mundo, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento económico do país. Para além disso, Pequim e Xangai sendo as duas cidades mais populosas, reúnem várias culturas, sendo as mais cosmopolitas das cidades chinesas.

Há cinco inquiridos que estão a viver em Tianjin, a cidade município situada muito perto de Pequim. Todos os restantes residem nas províncias do sul e do sudeste da China, principalmente em cidades costeiras tais como Shenzhen, Zhuhai, Fuzhou e Xiamen.

De um modo geral, o desenvolvimento económico na China foi maior nas províncias costeiras do que no interior. As três regiões mais ricas estão situadas ao longo da costa sudeste - centrado no delta do Rio das Pérolas, em redor da foz do rio Yangtzé - e na região de Pequim, Tianjin e Liaoning. Ou seja, podemos constatar que as principais opções dos migrantes portugueses na China são as regiões mais desenvolvidas.

Quadro 3 - Distribuição geográfica da comunidade portuguesa na China(I)

Cidade	Número de pessoas	Cidade	Número de pessoas
Pequim	15	Xangai	9
Tianjin	5	Chengdu	2
Zhuhai	1	Shenzhen	1
Wuhan	1	Wenzhou	1
Xiamen	1	Fuzhou	1
Haikou	1		

Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Imagem 1 - Distribuição geográfica da comunidade portuguesa na China (II)

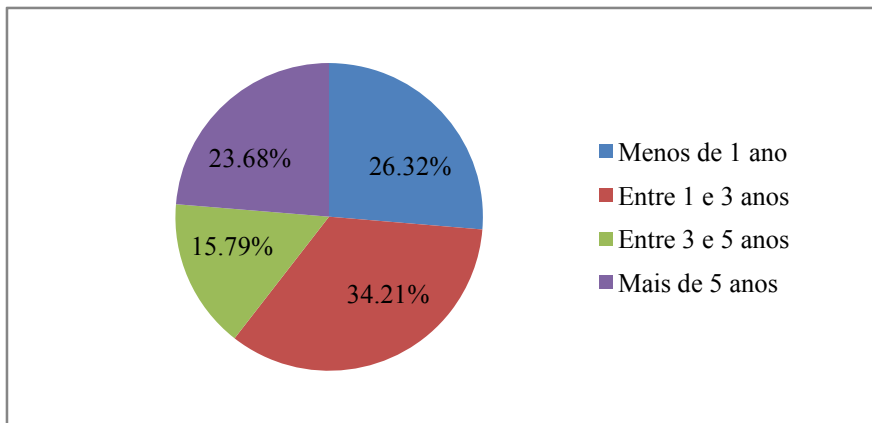


Fonte: Elaboração própria. Baseado na informação recolhida no inquérito em anexo.

4.1.5 Tempo de permanência

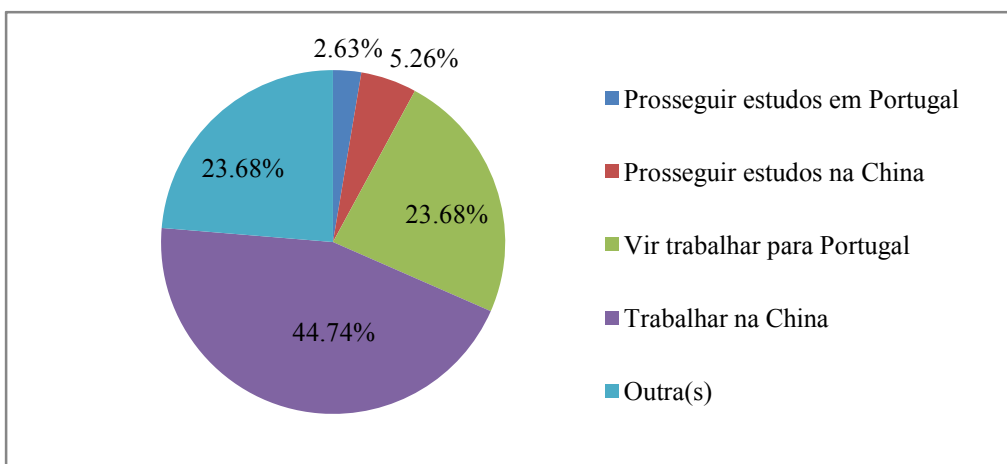
Quase três quartos dos inquiridos (73,68%) já se encontra a residir na China há mais de um ano, enquanto os restantes 26,32% vivem na China há menos tempo (Gráfico 10). Apesar de alguns deles já viverem na China há muito tempo, não é fácil distribuí-los claramente por migrantes temporários ou permanentes porque, em relação ao futuro mais próximo, as suas expetativas diferem bastante. Cerca de metade dos inquiridos (19 pessoas) afirmou que quer prosseguir os estudos ou continuar a trabalhar na China, ao passo que 10 pessoas preferem regressar a Portugal (Gráfico 10). Além disso, nove indivíduos esperam viver noutros países que não a China ou Portugal, a fim de experimentarem uma vida diversa.

Gráfico 10 - Há quanto tempo reside na China?



Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Gráfico 11 - Que expectativas tem em relação ao futuro mais próximo?



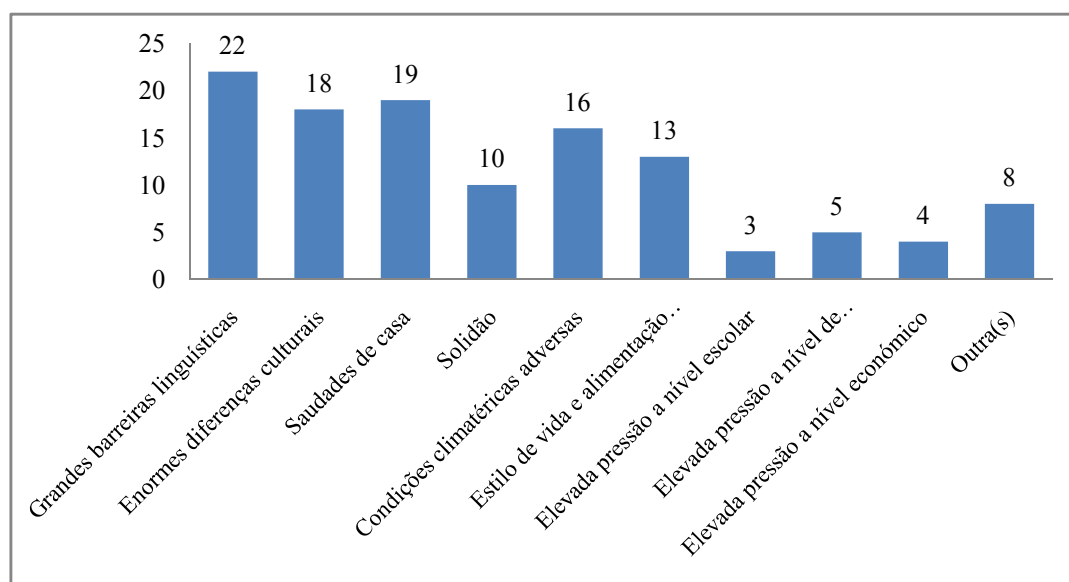
Fonte: Inquérito sobre a situação dos portugueses na China

Sair ou ficar? Cada pessoa tem a sua própria escolha. Mesmo que alguns deles abandonem o país um dia, a sua ligação à China não desaparecerá.

4.2 Principais dificuldades encontradas na China

Os estrangeiros que vivem num país que não é o seu de origem, encontram, como seria de esperar, muitas dificuldades no seu processo de integração, incluindo, claro, os portugueses que residem na China. Daí o inquérito aplicado incluir especialmente algumas perguntas sobre isso, com o propósito de conhecer as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes portugueses e, com base nas respostas obtidas, tentar encontrar propostas para melhorar a sua integração.

Gráfico 12 - Principais dificuldades encontradas na China



Fonte: Inquérito sobre asituação dos portugueses na China

O inquérito revelou que a barreira linguística é a maior dificuldade que os imigrantes portugueses enfrentam na sua permanência na China (Gráfico 12). Durante as entrevistas, muitos portugueses destacaram que a maioria dos chineses com quem interagem são incapazes de falar outra língua que não a sua e que, em resultado disso, não conseguiram comunicar facilmente com eles. Nalguns locais públicos e instituições administrativas, por conseguinte, seria importante pensar em prestar mais apoio aos estrangeiros.

Por outro lado, a falta de proficiência linguística dos imigrantes portugueses também impede o seu processo de integração. O inquérito revela que, excluindo os estudantes que frequentam o curso de língua chinesa, quase todos os restantes inquiridos nada sabem do chinês: 73,68% exprime-se mais frequentemente em inglês no seu dia-a-dia, apenas 23,68% usa predominantemente o chinês e muitos dos inquiridos confessam que não dominam a língua, mesmo após longos anos na China.

Quase metade dos sondados padece de solidão e de saudades de casa. Quando uma pessoa chega a um país novo, a sua participação na comunidade fica grandemente limitada por causa da falta de uma rede social de familiares, de amigos e de pessoas conhecidas, o que pode originar esses sentimentos. Os dados do questionário revelam que quase 60% dos inquiridos nunca participou em qualquer atividade de integração na China, mostrando maior interesse em interagir com pessoas da mesma nacionalidade, onde a comunicação e a identidade cultural é facilitada. Ainda que 55% dos participantes mantenha relações de amizade com chineses, a grande maioria resulta de necessidades profissionais e académicas, muito poucos têm amigos chineses como parte da vida quotidiana. Isto mostra que os imigrantes portugueses apresentam um nível bastante baixo de integração e essa é possivelmente a principal causa da sua solidão e fraca adaptação.

Para além da barreira linguística e da solidão, as enormes diferenças culturais, as condições climatéricas adversas, o estilo de vida e os hábitos alimentares diferentes também constituíram entraves no seu processo de socialização e aculturação.

4.3 Como facilitar a integração

De acordo com o Conselho da União Europeia:

(...) a integração é um processo bidirecional de adaptação mútua, dinâmico, a longo prazo e contínuo e não um resultado estático. Exige a participação não apenas dos imigrantes e dos seus descendentes, mas de todos os residentes. O processo de integração implica a adaptação por parte dos imigrantes, tanto homens como mulheres, todos eles com direitos e responsabilidades em relação ao seu novo país de residência. Envolve igualmente a sociedade de acolhimento, que deve criar as oportunidades para a plena participação dos imigrantes, tanto a nível económico como social, cultural e político. (Conselho da União Europeia 2004, p.15).

Por conseguinte, a integração dos imigrantes portugueses na China resulta da conjunção de dois fatores: por um lado, o país de acolhimento deve contemplar e envolver na política de integração tanto os imigrantes como os cidadãos nacionais e informá-los claramente das responsabilidades e direitos mútuos; por outro lado, os imigrantes também devem tentar ajustar-se à sociedade e cultura de acolhimento e participar positivamente em atividades de integração na mesma.

4.3.1 Política de integração do governo chinês

Ainda de acordo com o Conselho da União Europeia:

Um aspeto crucial da gestão da migração é a integração bem-sucedida dos imigrantes legalmente residentes e dos seus descendentes.

Simultaneamente, a política de imigração pode contribuir para o êxito da política de integração. Por isso, é da maior importância para o país de acolhimento manter e continuar a desenvolver uma sociedade na qual os recém-chegados se sintam bem-vindos, que se caracterize por um espírito de entendimento e adaptação mútuos, e onde existam claras expectativas para todos os residentes, novos e antigos. (*idem*, p.11)

O conhecimento básico da língua, da história e das instituições da sociedade de destino é indispensável para o processo de integração dos imigrantes, por isso, o país de acolhimento deve proporcionar-lhes a possibilidade de adquirirem esses conhecimentos. Por exemplo, após a sua chegada, o governo chinês pode oferecer alguns programas introdutórios, que permita aos novos residentes situarem-se rapidamente nos contextos fundamentais do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, contribuindo assim para dar início ao processo de adaptação normativa a longo prazo na nova sociedade. Relativamente aos imigrantes estrangeiros que não dominam a língua chinesa, o governo pode oferecer-lhes alguns cursos livres, a fim de os preparar para uma melhor participação em todas as áreas da vida quotidiana e para a interação com os outros.

Ainda de acordo com o Conselho da União Europeia:

Ao mesmo tempo, a integração vai-se efetuando simultaneamente a nível do indivíduo, da família, e da comunidade e do Estado em geral, e em todos os aspetos da vida: na realidade, a integração pode facilmente atravessar uma ou mais gerações. Por conseguinte, uma política de integração bem-sucedida deve envolver as instituições a nível local,

regional e nacional com as quais os imigrantes estejam em contacto, tanto no domínio público como no privado. É por isso que o desenvolvimento e a implementação da política de integração é acima de tudo da responsabilidade de cada um dos países participantes.

(...)

Além disso, o nível do bem-estar económico nas zonas de residência, o sentimento de segurança e o estado em que se encontram os espaços públicos, bem como outras condições de vida, são todos aspetos que influenciam a imagem dos imigrantes sobre o país de destino. Assim, é também preciso melhorar as condições de vida, em termos de habitação decente, boa assistência médica, segurança na zona de residência e disponibilização de oportunidades de educação e de trabalho, a fim de deixar os imigrantes gostar de viver em aqui. (*idem*, pp.12-18)

A integração é um processo que ocorre principalmente a nível local. A frequência e a qualidade das interações e intercâmbios privados entre imigrantes e outros residentes são elementos primordiais para uma maior integração. Por isso, o governo chinês deve aprofundar o entendimento mútuo entre imigrantes e outros residentes, realizando atividades de integração e reforçando as políticas ativas contra a discriminação e o racismo, a fim de promover os aspetos positivos de uma sociedade diversificada.

A migração é hoje um fenómeno comum em todo o mundo. Uma gestão ordenada e correta do fluxo de imigrantes trará aos países de acolhimento muitos benefícios, tais como economias mais fortes, uma maior coesão social, um maior sentimento de segurança e maior diversidade cultural. Tomados em conjunto, esses

benefícios impulsionam o processo de Globalização e reforçam a posição dos países de destino a nível mundial. Por conseguinte, a gestão eficaz dos imigrantes estrangeiros por parte do governo chinês é de suma importância.

4.3.2 Papel dos imigrantes portugueses na sua própria adaptação

Qualquer pessoa que resida num país deve adaptar-se e cingir-se estritamente aos seus valores fundamentais e às suas leis, e isto inclui os imigrantes. Por isso, é obrigatório os imigrantes portugueses que vivem atualmente na China compreenderem e respeitarem todos os valores, direitos, responsabilidades e privilégios estabelecidos pela legislação chinesa. Isso promove a integração bem-sucedida na sua nova sociedade de acolhimento e influencia de forma positiva a sociedade no seu conjunto.

Em segundo lugar, dominar os rudimentos da língua chinesa é essencial para lograrem uma integração bem-sucedida. Nesta era de grande concorrência, a capacidade de comunicação tornou-se crucial para a sobrevivência. Uma comunicação efetiva não só permite uma expressão mais fluente como melhora também as aspirações profissionais, aumentando os contactos sociais e a participação política (Ding 2012, p. 48). A informação obtida através do inquérito revela que poucos inquiridos conseguem comunicar na língua chinesa ainda que, quando questionados sobre se têm vontade de aprender, a maioria responde afirmativamente (71,05%). Um dos inquiridos disse que gosta imenso da língua chinesa e que pretende esforçar-se para a dominar. Ou seja, apesar de existirem muitos imigrantes portugueses sem capacidade de comunicar na língua chinesa, esta tendência tem vindo a diminuir.

Há muitas maneiras diferentes de aprender uma língua. Para além de estudarem nas universidades ou participarem em cursos gratuitos oferecidos pelo governo, os portugueses também devem comunicar mais com os chineses, participando em atividades culturais, desportivas e de lazer. Além disso, eles podem apresentar a língua e cultura portuguesas aos seus amigos chineses costumes e festividades, gastronomia tradicional, quais as cidades mais bonitas contribuindo assim para a evolução da comunicação intercultural.

Em terceiro lugar, será importante para os imigrantes darem o seu contributo à sociedade de acolhimento. O modo mais direto dos portugueses que trabalham na China darem um contributo visível à sociedade chinesa e promoverem o desenvolvimento das relações luso-chinesas é serem responsáveis no seu emprego. Para os alunos portugueses, a oportunidade de estudarem na China, proporciona-lhes uma plataforma de oportunidades para adquirirem as competências exigidas pelo mercado de trabalho, e para alargarem o seu conhecimento sobre este país. Por conseguinte, eles devem valorizar estas oportunidades e elevar a sua qualificação profissional, preparando-se para um maior nível de integração.

A China é um novo país para os imigrantes portugueses e dificilmente podem evitar o choque cultural, o estranhamento, as regras sociais diferentes e o idioma incompreensível. Mas por outro lado, a China oferece a possibilidade de conhecerem outra realidade, vencerem obstáculos, crescerem pessoal e profissionalmente e ganharem dinheiro. Por isso, do nosso ponto de vista pessoal, para os portugueses viverem bem na China depende muito deles próprios e não tanto do país, de modo que se devem esforçar para melhorarem a sua integração e tornarem-se parte desta comunidade.

4.3.3 Sugestões dos imigrantes portugueses que se encontram atualmente na China

Apesar dos portugueses encontrarem muitas dificuldades na sua permanência na China, quando questionados sobre se se habituaram à vida ali, quase todos responderam afirmativamente (97,37%). Apenas um inquirido confessa que não se conseguiu habituar por falta de identificação cultural. Com base neste resultado podemos concluir que, mesmo que alguns portugueses ainda não se insiram perfeitamente na sociedade chinesa, a maioria tem já as suas próprias estratégias de adaptação. Por isso, os inquiridos deram também algumas recomendações aos portugueses que se encontram atualmente na China ou os que pretendem emigrar para lá, a fim de facilitar o seu processo de integração. As principais sugestões incluem:

- Aprendam a língua, abracem os costumes e comidas locais e integrem-se. Não se fiquem pelo "grupinho dos portugueses".
- Venham e tentem ver o lado bom sem começar a fazer comparações com Portugal, porque isso não faz sentido. Aprendam a gostar da China e aprendam mais sobre cultura chinesa.
- Muitos chineses não falam inglês, por isso saber um pouco de mandarim é fundamental. Além disso, a comida não é nada parecida com a comida chinesa servida em Portugal, é melhor habituar-se a cozinhar.
- Venham de mente aberta, sem preconceitos. A China é excelente.
- Procurem estatuto legal para viver e trabalhar.
- Experimentem. Não é tão difícil como possa parecer, ganham bem e vivem bem se souberem adaptar-se. Dá para viajar bastante, conhecer novos sítios que funcionam de forma bastante diferente da nossa perspetiva eurocêntrica.

- Leiam sobre as características sociais e culturais dos chineses, principalmente nas relações socioprofissionais. Não pensem que todas as propostas de trabalho na China são de valores muito elevados, apenas porque é a China.
- Compreendam a cultura local em vez de lutarem contra ela, e provem as comidas locais.
- Aprender a língua durante um mínimo de dois anos com aulas 3-4 vezes por semana e ter uma forte base cultural própria que permita que a sua identidade não seja afetada. Não recomendo pessoas demasiado jovens virem para a China sem terem certeza da sua identidade, correndo o risco de se aculturarem.
- Tentem perder o vício do café antes de virem, pois aqui é caro e não muito bom. De resto, desfrutem!
- Diria para virem com a mente aberta, para darem uso a todo o mundo tecnológico na China, especialmente darem uso às apps Taobao, Alipay (para fazer compras na Internet), e para se aventurarem e explorarem este país maravilhoso.

Num breve relance sobre as suas respostas, reparamos que aprender a língua chinesa e ter mente aberta são as duas grandes sugestões, já que a língua e cultura chinesa são totalmente distintas da portuguesa. Capacidade linguística e a mente aberta permitem não só satisfazerem as necessidades básicas do quotidiano, mas também conhecerem e explorarem este país maravilhoso.

CONCLUSÃO

Num contexto de Globalização em que a interdependência entre os países se intensificou, o relacionamento entre a China e Portugal também entrou num novo período. Nos últimos anos, com a resolução da questão de Macau, os dois governos criaram condições mais favoráveis para a realização de investimento e cooperação, o número dos portugueses que foi para a China para estudar ou trabalhar também registou um crescimento notável.

Este trabalho analisou sobretudo a situação dos imigrantes portugueses que se encontram atualmente na China, ao longo de quatro capítulos.

O primeiro fez-se uma breve introdução sobre a migração internacional contemporânea, incluindo o seu contexto, as principais características, o estado atual e as perspetivas futuras, a fim de traçar uma visão global sobre este fenómeno.

O segundo capítulo está organizado em duas partes. A primeira relata principalmente o desenvolvimento registado na China nos últimos 30 anos. Na segunda parte, através do inquérito aplicado a portugueses, vimos a China por intermédio de uma visão exterior, útil para caracterizar as relações políticas, económicas e culturais entre Portugal e a China, e promover a amizade, o entendimento e a cooperação entre os dois países.

No terceiro capítulo analisou-se as motivações dos portugueses para emigramem para a China. De acordo com os resultados recolhidos do inquérito, concluiu-se que, tanto para alunos como para os trabalhadores, as oportunidades oferecidas pela sociedade chinesa são os fatores mais importantes que motivaram a mudança para um destino tão longínquo.

No último capítulo fez-se uma caracterização dos imigrantes portugueses na China relativamente à composição etária, estado civil, descendência, distribuição geográfica e tempo de permanência. Neste capítulo analisou-se também as

dificuldades que os residentes portugueses têm encontrado na China e, de acordo com estas dificuldades concretas, apontaram-se algumas propostas para melhorar a sua integração.

Os resultados do inquérito e outros estudos empíricos revelam claramente que, em comparação com outras comunidades estrangeiras na China, a comunidade portuguesa ainda é muito pequena, o seu nível de integração na sociedade chinesa também é relativamente baixo. Melhorar a sua integração é um dos mais importantes objetivos deste trabalho, pelo que prestamos particular atenção a este ponto.

De acordo com a Lin:

Embora Portugal e a China já tenham tido, com Macau, quase 500 anos de contactos culturais e comerciais, a cultura chinesa ainda é mal conhecida hoje em Portugal. A China tem uma cultura muito forte e muito própria. No que diz respeito aos residentes portugueses na China, embora se diga que o povo português se adapta com bastante facilidade a diferentes ambientes geográficos, sociais e culturais, face a uma cultura tão diferente e tão distante, como é a chinesa, normal será existirem incompatibilidades, incompreensões, desentendimentos. (Lin 2013, p. 6)

Como foi discutido no último capítulo, a integração é um processo de adaptação mútua, exige a participação não apenas dos imigrantes e dos seus descendentes, mas de todos os residentes e da sociedade de acolhimento. Por conseguinte, o governo chinês deve proporcionar aos imigrantes maiores possibilidades de conhecerem a sociedade chinesa, a fim de os preparar para uma melhor participação em todas as áreas da vida quotidiana e para a interação com os outros. No entanto, os imigrantes

também devem tentar ajustar-se à sociedade e à cultura chinesa, participando positivamente em atividades de integração na mesma. Só assim é provável alcançar um nível elevado de integração de imigrantes portugueses na sociedade chinesa.

Até ao presente, uma série de obras e estudos sobre as relações luso-chinesas foram sucessivamente publicadas, constituindo uma fonte muito importante para estudar as relações culturais, políticas e económicas entre os dois países. Mas, os imigrantes portugueses na China (especialmente na China continental), sendo uma comunidade pequena e especial, ainda não causa suficiente atenção por parte de muitas pessoas, pelo que os trabalhos relacionados com este tema ainda são escassos. Foi com o objetivo de preencher esta lacuna e no sentido de, com toda amodéstia, ajudar os imigrantes portugueses a melhorarem a sua integração na China, que decidimos escrever este trabalho.

Neste trabalho, procurámos mostrar a situação mais real e compreensiva dos imigrantes portugueses na China, dentro das nossas parcas possibilidades. No entanto, os dados obtidos no inquérito só representam as opiniões de algumas pessoas, pelo que as informações proporcionadas por este trabalho são limitadas. Para além disso, o exato número de portugueses que residem na China ainda é um mistério, os dados citados são apenas estimativas e aproximações, este é também um problema que precisa ser tratado.

Sendo uma estudante chinesa a estudar em Portugal há três anos, as relações luso-chinesa fazem parte do meu leque lógico de interesses. Penso que a situação da comunidade portuguesa na China é um tema muito interessante, que mantém muitas questões específicas para analisar e estudar. Espero que este trabalho possa proporcionar informações úteis para estudos mais aprofundados no futuro.

BIBLIOGRAFIA

1. Amaro, A. M. (1998). *O Mundo Chinês: um longo diálogo de culturas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
2. Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
3. Centro de Estudos de Ciências Sociais da Universidade de Pequim (2016). *Pesquisa social da China de 2016*. Disponível em: <http://gz.bendibao.com/news/201624/content210712.shtml>, consultado em 31-3-2017.
4. Centro de Pesquisa de Zhiyan, (2016). *A situação atual do envelhecimento na China em 2016*. Disponível em: <http://www.chyxx.com/industry/201610/457005.html>, consultado em 31-3-2017.
5. Conselho da União Europeia (2004). *Comunicação à imprensa da 2618.ª sessão do Conselho Justiça e Assuntos Internos*. Bruxelas: Conselho da União Europeia.
6. Ding, N. (2012). *A Comunidade Chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Minho. Dissertação de Mestrado.
7. Embaixada da República Popular da China em Portugal (2016). *Visão e Ações para Promover a Construção Conjunta da Faixa Económica da Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda do Século XXI*. Disponível em: <http://pt.china-embassy.org/pot/xwdt/t1381040.htm>, consultado em 10-8-2017.
8. Held, D. McGrew, A. Goldblatt, D. & Perraton, J. (1999). *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*. Cambridge: Stanford University Press.
9. Hugo, G. (1998). The Demographic Underpinnings of Current and Future International Migration in Asia, *Asian and Pacific Migration Journal* 7(1), pp.1-25.

10. International Organization for Migration (2016). *Global Migration Trends 2015*. Berlin: IOM's Global Migration Data Analysis Center.
11. International Organization of Migration (2010). *World Migration Report 2010. The future of migration: Building capacities for change*. Geneva: International Organization of Migration (IOM).
12. Kritz, M. M., Lin, L. L. & Zlotnik, H. (eds.) (1992). *International Migration Systems: A Global Approach*, Oxford: Clarendon Press.
13. Lin, M. L. (2013). *Dificuldade de Comunicação Intercultural: empresas portuguesas na China*. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Minho. Dissertação de Mestrado.
14. Lusa (2016). *Licenciatura em Português-Chinês/Chinês-Português já formou 130 estudantes em Leiria*. Disponível em: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/107276>, consultado em 8-5-2017.
15. Mesquitela, G. (1996). *História de Macau*, vol.1, tomo 1. Macau: Instituto Cultural de Macau.
16. Ministério de Educação (2016). *Estatísticas de Estudantes Internacionais na China em 2016*. Disponível em: http://www.moe.gov.cn/jyb_xwfb/xw_fbh/moe_2069/xwfbh_2017n/xwfb_170301/170301_sjtj/201703/t20170301_297677.html, consultado em 8-5-2017.
17. Ministério dos Negócios Estrangeiros (2014). *Regulations of the People's Republic of China on Administration of the Entry and Exit of Foreigners*. Disponível em: <http://cs.mfa.gov.cn/wgrlh/lhqz/lhqzjjs/t1120987.shtml>, consultado em 18-5-2017.
18. Monteiro, L. (2011). *Portugal e a China: Uma relação com futuro*. Coimbra: Edições Almedina.

19. National Bureau of Statistics of China (2016). *China Statistical Yearbook 2016*, Beijing: NBSC, Disponível em: http://www.stats.gov.cn/tjsj/zxfb/201702/t20170228_1467424.html, consultado em 29-3-2017.
20. OECD (2007). *Environmental Performance Review: China*, Organization for Economic Co-Operation and Development. Paris
21. O Jornal Económico (2017). *Portugal é o quinto maior exportador de calçado na China*. Disponível em: <http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/portugal-e-o-quinto-maior-exportador-de-calcado-na-china-124442>, consultado em 11-5-2017.
22. Organização das Nações Unidas (1951). *Convenção relativa ao estatuto dos refugiados*. Genebra. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf, consultado em 22-05-2017.
23. O Século (2017). *Exposição de produtos alimentares dos países de língua portuguesa em Macau*. Disponível em: http://www.oseculoonline.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10121&Itemid=258, consultado em 11-5-2017.
24. Paula, A. (2017). *O COMPETE 2020 acompanha o caminho de sucesso dos sapatos portugueses*. Disponível em: http://www.poci-competes2020.pt/pesquisa/detalhe/NL_Calcado, consultado em 11-6-2017.
25. Pereira, J. (2009). *Grandes Batalhas Navais Portuguesas*. Lisboa: Esfera dos Livros.
26. Qiao, X.乔雪峰 (2016). “交通运输部：我国高速公路总里程突破 13 万公里” *Ministério dos Transportes: a quilometragem total de autoestrada na China ultrapassou 130 mil km*”. Disponível em:

<http://finance.people.com.cn/n1/2016/1226/c1004-28977580.html>, consultado em 30-3-2017

27. Sapo (2010). *Jovens Portugueses Escolhem a China para O Seu Futuro*. Disponível em: <http://olharparaomundo.blogs.sapo.pt/471101.html>, consultado em 24-05-2017.
28. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2016). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2015*. Barcarena: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
29. Skeldon, R. (1997). *Migration and Development: A Global Perspective*, Harlow, Essex: Addison Wesley Longman.
30. Smithsonian Institute (2007). *Encompassing the Globe: Portugal and the Globe in the 16th and 17th centuries*. Washington.
31. Taylor, J. E. (1999). The New Economics of Labour Migration and the Role of Remittance in the Migration Process, *International Migration* 37 (1), pp. 63-88.
32. TVI24 (2016). *China 'adora' Portugal: os números*. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/economia/china-portugal/china-adora-portugal-os-numeros>, consultado em 13-04-2017.
33. Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture* p.1, London: Bradbury, Evans, and Co. Printers, Whitefriars.
34. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2016). *International Migration Report 2015*. (ST/ESA/SER.A/384).
35. Wang, S.王曙光 (2005). “冷战后国际移民趋势及影响分析 Análise sobre as tendências e as influências das migrações internacionais após a Guerra Fria”, 暨南学报 (哲学社会科学版) *Journal of Jinan University (Philosophy and Social Sciences)* n° 6, p. 31.

36. Zhang, X. 张晓青 (2014). “1990-2013 年国际人口迁移特征、机制及影响研究 Estudo sobre as Características, o Mecanismo e o Impacto da Migração Internacional entre 1990 e 2013”, 人口与发展 *Population&Development* 20(4), pp. 22-25.

WEBLINKS

1. <http://www.iom.int/key-migration-terms>
2. http://intl.ce.cn/specials/zxxx/201501/20/t20150120_4389486.shtml
3. <http://www.docin.com/p-1435432136.html>
4. http://news.ifeng.com/a/20170305/50754278_0.shtml
5. http://www.stats.gov.cn/tjsj/zxfb/201702/t20170228_1467424.html
6. <http://finance.people.com.cn/n1/2016/1226/c1004-28977580.html>
7. http://www.stats.gov.cn/tjsj/zxfb/201702/t20170228_1467424.html
8. <http://gz.bendibao.com/news/201624/content210712.shtml>
9. <http://www.chyxx.com/industry/201610/457005.html>
10. <https://www.quora.com/Why-do-so-many-people-like-China>
11. <http://portocanal.sapo.pt/noticia/107276>
12. http://www.moe.edu.cn/jyb_xwfb/xw_fbh/moe_2069/xwfbh_2017n/xwfb_170301/170301_sjtj/201703/t20170301_297677.html
13. <http://expresso.sapo.pt/economia/2017-02-11-Tres-coisas-que-tem-mesmo-desaber-sobre-a-industria-portuguesa-de-calcado>
14. <http://olharparaomundo.blogs.sapo.pt/471101.html>
15. <http://www.tvi24.iol.pt/economia/china-portugal/china-adora-portugal-os-numeros>

ANEXOS

Inquérito

Situação dos Portugueses na China

(portugueses que se encontram atualmente na China)

Este inquérito insere-se num projeto de investigação em curso no âmbito do Mestrado em *Estudos Interculturais Português/Chines: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial*. O seu objetivo fundamental é o de procurar perceber as condições e modos de vida dos portugueses residentes na China e, eventualmente, sugerir recomendações para melhorar a sua integração na sociedade e na cultura chinesas. O preenchimento deste inquérito é feito em anonimato, por isso, agradecemos que respondesse de modo inteiramente sincero. Obrigado pela sua colaboração.

Sexo: M F

Idade: _____

Estado civil: casado solteiro

Filhos: Sim Não

1. Há quanto tempo reside na China?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 3 anos
- Entre 3 e 5 anos
- Mais de 5 anos

2. Em que cidade na China se encontra a residir atualmente? _____

3. Como se encontra atualmente a viver na China?

- sozinho/a
- com o cônjuge
- com o cônjuge e filhos

4. Se tem filhos:

- eles nasceram e estão a ser criados em Portugal
- eles nasceram em Portugal, mas estão a ser criados na China
- eles nasceram e estão a ser criados na China

5. Prefere que o(s) seu(s) filho(s) recebam a sua educação?

- na China (Porquê? _____)
- em Portugal (Porquê? _____)
- Tanto faz, não há diferença.

6. No presente:

É estudante Dedicar-se a uma atividade profissional Ambos

6.1 Se respondeu em 6 “é estudante”,

a) o que se encontra a estudar na China? _____

b) porque escolheu a China para estudar? (escolha todos os que se aplicam)

- existência de um protocolo com a universidade de origem
- bolsa concedida por organizações portuguesas/chinesas
- maiores oportunidades no prosseguimento dos estudos
- maiores oportunidades de vir a obter posteriormente emprego
- outro(s) (Qual? _____)

c) em comparação com o português, como avalia o nível de educação da China:

- Muito pior do que em Portugal
- Um pouco pior do que em Portugal
- Igual ao de Portugal
- Melhor do que em Portugal
- Muito melhor do que em Portugal

d) no futuro prefere vir a trabalhar:

- na China (Porquê? _____)
- em Portugal (Porquê? _____)
- indiferentemente num ou noutro país.

6.2 Se respondeu que se “dedica a uma atividade profissional”(escolha todos os que se

aplicam):

- Professor (O que ensina na China? _____)
- Funcionário diplomático
- Tradutor de português/chinês
- Funcionário de empresa (Que tipo de empresa? _____)
- Comerciante (Que ramo de negócio? _____)
- Jornalista
- Treinador de futebol
- Jogador de futebol
- Outra(s) (Qual? _____)

7. Que motivo(s) principalmente o/a levou/aram a escolher viver na China? (escolha todos os que se aplicam)

- Querer conhecer a cultura chinesa;
- Prosseguimento de estudos;
- Oportunidades de emprego;
- Oportunidades de negócio;
- Condições de vida mais acessíveis;
- Reunir-se a familiares;
- Outro(s) (Qual? _____)

8. Quando pensa na China, qual a ideia que mais imediatamente lhe vem à mente? (escolha todos os que se aplicam)

- Um país com um território muito vasto;
- O país mais populoso do mundo;
- Gastronomia variada e apetitosa;
- Um país com um património arquitetónico de enorme beleza;
- Um país com sérios problemas de poluição;
- A “fábrica do mundo”;
- Um país mais desenvolvido do que julgava;
- Um país mais pobre do que supunha;
- Um país em rápido crescimento económico;
- Um país com uma cultura bastante diferente da ocidental.
- Outra(s) (Qual? _____)

9. Em comparação com as de Portugal, como avalia as infraestruturas e os serviços de que a China dispõe?

	Pior que em Portugal	Idênticas às de Portugal	Melhor que em Portugal
Habitacões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Restauracão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Redes viárias e de transportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aeroportos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços de saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços de ensino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Centros comerciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ginásios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9.1. Em relacão aos itens que avaliou supra com “Pior que em Portugal”, o que sugere para melhorá-los?

10. Como avalia a sua estadia na China em comparacão com as expetativas que tinha antes de vir?

- Muito pior do que esperava
- Um pouco pior do que esperava
- Igual ao que esperava
- Melhor do que esperava
- Muito melhor do que esperava

11. Em que circunstâncias é que se relacionou com os chineses? (escolha todos os que se aplicam)

- Quotidiano
- Razões de estudo
- Razões profissionais
- Relacionamento de amizades
- Outras. (Qual? _____)

12. No geral, descreveria os chineses como: (escolha todos os que se aplicam)

- Bastante sociáveis e cooperantes;
- Pouco sociáveis e pouco cooperantes;
- Muito educados;
- Pouco educados;
- Demasiado tradicionalistas e conservadores;

- Bastante progressistas e abertos à novidade;
- Vivendo sobretudo para o trabalho;
- Vivendo sobretudo para desfrutar a vida;
- Capazes de comunicar facilmente numa língua que não a sua, como o inglês ou o português;
- Incapazes de comunicar facilmente numa língua que não a sua, como o inglês ou o português;
- Razoavelmente abastados;
- Relativamente pobres;
- Outro(s) (Qual? _____)

13. Quais as principais dificuldades que tem encontrado na sua estadia na China?
(escolha todas as que se aplicam)

- Enormes diferenças culturais;
- Grandes barreiras linguísticas;
- Elevada pressão a nível escolar;
- Elevada pressão a nível de trabalho;
- Elevada pressão a nível económico;
- Solidão;
- Saudades de casa;
- Estilo de vida e alimentação bastante diferentes;
- Condições climatéricas adversas;
- Outro(s) (Qual? _____)

14. Quando se deparou com dificuldades, obteve alguma ajuda? (escolha todos os que se aplicam)

- Não;
- Sim, de colegas/amigos chineses;
- Sim, de colegas/amigos portugueses.

15. Considera que foi fácil obter a autorização de residência na China?

- Sim
- Não (Que dificuldade encontrou? _____)

16. Em que idioma mais frequentemente se exprime no dia-a-dia?

- Português
- Inglês
- Chinês

Outro(s) (Qual? _____)

17. Considera prosseguir os seus estudos mesmo que não consiga chegar a dominar a língua chinesa?

Sim (Porquê? _____)

Não (Porquê? _____)

18. Participou nalguma atividade de integração na China?

Sim (Qual? _____)

Não (Qual sugeriria? _____)

19. Na sua opinião, qual é a diferença mais notória e relevante entra a China e Portugal?

20. Já se habituou à vida na China?

Sim

Não (Porquê? _____)

21. Tem gostado de viver na China?

Sim; (Porquê? _____)

Não. (Porquê? _____)

22. Que expetativas tem em relação ao futuro mais próximo?

Prosseguir estudos em Portugal;

Prosseguir estudos na China;

Vir trabalhar para Portugal;

Trabalhar na China;

Outra(s) (Qual? _____)

23. Na sua opinião, no futuro mais próximo, o número dos portugueses na China vai:

Aumentar (Porquê? _____)

Diminuir (Porquê? _____)

24. Tem alguma sugestão/recomendação que gostasse de fazer aos portugueses que pretendem vir para a China?
